LAMPIÃO da esquina

Ano 1 - nº 10 - Março de 1979 - Cr$ 18,00

Leitura para maiores de 18 anos

minorias exigem em são paulo:

FELICIDADE DEVE SER AMPLA E IRRESTRITA

VERUSHKA vai à luta pelo direito de ir e vir →

CARNAVAL: UMA FESTA GUEI?

joão do rio: um oscar wilde tupiniquim

a nova galeria alaska

o veneno de carmem miranda

um bonde chamado desejo

LAMPIÃO

Conselho Editorial — Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

Coordenador de edição: Aguinaldo Silva.

Colaboradores: Agildo Guimarães, Fredirico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Paulo Sérgio Pestana, Zsu Zsu Vieira, José Fernando Bastos, Henrique Neiva, Leila Miccolis, Nelson Abrantes, Sérgio Santeiro (Rio); José Pires Barroso Filho, Carlos Alberto Miranda (Niterói); Mariza, Edward MacRae (Campinas); Glauco Mattoso, Celso Cúri, Edélcio Mostaço, Paulo Augusto, Eduardo Dantas, Cynthia Sarti (São Paulo); Amylton Almeida (Vitória); Zé Albuquerque (Recife); Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Alexandre Ribondi (Brasília); Sandra Maria C. de Albuquerque (Campina Grande); Polibio Alves (João Pessoa); Franklin Jorge (Natal); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Max Stolz (Curitiba).

Correspondentes: Fran Tornabene (San Francisco) Allen Young (Nova Iorque); Armand de Fulviá (Barcelona); Ricardo e Hector (Madrid).

Fotos: Billy Aciolly, Maurício S. Domingues, Dimitri Ribeiro (Rio); Dimas Schitini (São Paulo) e arquivo.

Arte: Jô Fernandes, Mêm de Sá, Patrício Bisso, Hildebrando de Castro.

Arte Final: Edmílson Vieira da Costa.

LAMPIÃO da esquina é uma publicação da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. CGC 29529856/0001-30; Inscrição estadual: 81.547.113.

Endereço para correspondência: Caixa Postal 41031, CEP 20241 (Santa Teresa), Rio de Janeiro, RJ.

Composto e impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S.A. — Rua do Livramento, 189/203.

Distribuição: Rio — Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente (Rua da Constituição, 65/67); São Paulo — Paulino Carcanhetti; Recife — Livraria Reler; Salvador — Literarte; Florianópolis e Joinville — Amo, Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda; Belo Horizonte — Distribuidora Riccio de Jornais e Revistas Ltda.; Porto Alegre — Coojornal; Teresina — Livraria Corisco; Curitiba — Ghignone; Manaus — Stanley Whide.

Assinatura anual (doze números): Cr$ 210,00. Assinatura para o exterior: US$ 15.

Fernando Morais apóia LAMPIÃO

Fernando Morais, deputado estadual eleito pelo MDB paulista e vice-presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (ele é o autor do **best-seller A Ilha**: quem não leu, trate de comprar), também mandou seu depoimento sobre os percalços que LAMPIÃO vem enfrentando nos últimos meses. Infelizmente não chegou a tempo de ser publicado em nosso número anterior, mas a gente não podia dispensá-lo, já que Fernando vai fundo e certo bem no centro da questão. Fala, Fernando Morais:

— O inquérito aberto pelo Ministério da Justiça contra o jornal LAMPIÃO e seu corpo editorial só vem revelar, uma vez mais, o caráter autoritário e antidemocrático do governo brasileiro. Só nos surpreende que esse tipo de repressão à liberdade de expressão ocorra no momento em que o atual e o futuro governo acenem com as mesmas promessas de sempre: "abertura", "redemocratização" e "institucionalização".

— O pretexto utilizado para abertura do inquérito — segundo o qual o jornal atentaria contra a moral e os bons costumes —, além de batido e cansativo, não resiste à mais superficial análise. O que de fato o governo pretende é calar mais uma voz da imprensa independente, cujo único crime é procurar refletir sobre a dramática realidade em que vivem hoje os brasileiros.

— Como cidadão, como jornalista e como parlamentar da oposição, sou solidário com LAMPIÃO e com seus redatores na luta que não é só deles, mas de toda a população — a luta por ampla liberdade de expressão e manifestação.

O rei está nu, o frei está gordo

Pela lei do frei
quem administra
a moral & os bons costumes
está desmoralizado
e mal acostumado
pela lei do frei
jo que é gostoso
é imoral
o que é imoral
é ilegal
e o que é ilegal
é o crime que o próprio frei perpetra
trancado no banheiro
com o silêncio do cúmplice
e o espelho
por testemunha
(De GLAUCO MATTOSO, para dez ou onze amigos)

Lesbicas vendem mais jornal?

Sob um escandaloso título — "Lésbicas metem o pau na repressão", o jornal **O Repórter** publicou extensa matéria de quatro páginas. Bem se sabe das dificuldades encontradas num texto honesto sobre o assunto, pelos múltiplos aspectos individuais e sociais a serem mostrados. Bem se sabe que é mais fácil colocar gente na berlinda dando depoimentos pessoais — em geral superficiais, pelos cortes que sofrem ou pelas montagens dos mesmos — do que analisar a realidade. O que não se calcula é que uma reportagem dita séria consiga ser, ao contrário, tão superficial e preconceituosa.

Desde o início a linha editorial se delineia: na página imediatamente anterior à matéria das lésbicas, há a manchete: "Amor entre homens acaba tragicamente". Ilustrando, a cabeça esmigalhada da vitima: é a história de um presidiário que, fora da prisão, mata outro companheiro que com ele quis ter à força relações sexuais. O final é a descrição com requintes de crueldade: violência e crime. Após os comerciais, mais entretenimento — agora com as homossexuais.

A reportagem, no começo, fala das dificuldades de Iara Reis Carvalho em achar mulheres que lhe fizessem confissões e confidências, atacando frontalmente as que se recusaram a tanto. Depois de "vingar-se" delas, faz desfilar os depoimentos, como numa galeria de amostras.

As manchetes são sempre sensacionalistas, resumindo o que há de mais erótico em cada texto. Numa das entrevistas, por exemplo, uma mulher diz que após a morte do marido soltou os bichos, mas que levou muita porrada. Manchete: "Fiscal de ônibus só soltou o bicho quando ficou viúva". Há muitas outras deturpações: "Favelada tá doida pra experimentar". Ou: "É boa de cama e ataca de tudo" (Nem o teatro de revista tem tanta imaginação).

Muitas vezes a ânsia em explorar comercialmente o tema, o produto, chega a exemplos trágicos de desrespeito da privacidade individual, quando uma das entrevistadas declara que os pais não sabem de sua situação, que ela é uma pessoa que não se expõe, que tem medo por viver numa cidade do interior, e é identificada com nome completo e características principais de sua vida.

A conclusão a que se chega, através da maior parte dos depoimentos, é de que as homossexuais são vazias, fúteis e sobretudo alienadas. Até mesmo Heloneida Studart cai no engodo da psicanálise ortodoxa, e repete os preconceitos através de um cientificismo ultrapassado:

"Se o menino ou a menina consegue atravessar bem essa fase (de relacionamento com o sexo oposto) e se adaptar e crescer, serão **adultos heterossexuais.** Se não superam o conflito, surge a **problemática homossexual".** "... A sociedade costuma tratar os homossexuais como pessoas de péssimo caráter, marginais. Isso é uma injustiça e discriminação reacionária, pois sexualidade não tem nada a ver com moralidade. No entanto, não aceito que o homossexualismo possa ser uma opção. As pessoas que resolveram seus conflitos edipianos não têm qualquer atração de caráter erótico por pessoas do mesmo sexo". (Os grifos são nossos)

Esse mesmo jornal, através da mesma jornalista, está distribuindo um questionário sobre homossexualidade feminina, para aumentar a "pesquisa", talvez servir de novas matérias para o público ávido de leituras "proibidas", e reuni-las, quem sabe, em algum livro, para o deleite dos "moralistas".

É por estas e outras, Rita Foster-Brother, que "as mulheres chegam uma vez, deixam seu cheiro e vão embora", como você falou no LAMPIÃO passado. De boas intenções o inferno está cheio, se bem que não houve nenhuma boa intenção no caso, a não ser a de vender mais jornais. O lesado é sempre o leitor. Pena que tenha havido muita chamada para a reportagem, e que se esperasse que ela contribuísse para desfazer mitos através de uma leal abordagem do assunto.

Pena, ainda, que um jornal que se propõe a ser sério, coerente, questionativo embarque nessa e caia no mesmo jogo repressor que habitualmente condena, enfocando a homossexualidade com sensacionalismo barato, alienando mais o público em vez de conscientizá-lo, e tratando do assunto não como um fato real, e sim como uma caricatura deprimente. (**Leila Miccolis**)

Bom: eu conheço o pessoal de **O Repórter**, e sei que ele é da melhor qualidade; estão enfrentando uma barra pesadíssima como nós, e formam, com outros jornais, uma linha de frente na qual LAMPIÃO também se instala. Agora o problema é que, por mais progressistas que sejam, os meninos enrolam a língua quando resolvem falar de homossexualismo. Tenho certeza que, quando resolveram fazer a matéria sobre as lésbicas, eles tinham a melhor das intenções. Mas como de boas intenções o mundo está cheio, o resultado foi o que se viu. Leila tem razão: muito preconceito e muito sensacionalismo, além de coisas abstrusas como as declarações de Heloneida Studart, que confunde amor com a produção, a cada nove meses, de sadias ninhadas de gatos (**salvemos nossos filhos,** não é, Helô? Eu conheço esse linguajar...). Agora, quanto às homossexuais, não vou chegar ao extremo de dizer que foi "bem feito para elas"; mas é que do LAMPIÃO elas vivem fugindo. Agora, quando aparece um jornal **normal** disposto a entrevistá-las, elas não se furtam: entregam todo o ouro. Ficam p. da vida com o pessoal de **O Repórter?** Pois então vamos fazer o seguinte: que se reúna um grupo de mulheres e faça uma matéria sobre homossexualismo feminino para o LAMPIÃO. Que elas pautem a matéria, façam as entrevistas, escrevam, bolem tudo, e depois nos mandem. Nós publicaremos sem reescrever, sem cortar coisas, sem policiar. Tomem vergonha na cara e assumam esse compromisso, meninas; ponham o medo de lado e aceitem o fato de que o jornal é nosso, ou seja: também é de vocês

Aguinaldo Silva

Síndico quer Verushka usando gravata e paletó

O Edifício Canindé, na Rua Washington Luis, no bairro carioca de Fátima, é um daqueles prédio típicos da área que abrigam em doce convivência as pessoas mais diversas: famílias de classe média remediada, rapazes solteiros, mulheres solitárias de ocupação mais ou menos obscura, aposentados, militares do terceiro escalão etc., todos ocupados demais com a própria sobrevivência para pensar nas mazelas do vizinho. A eleição de um novo síndico em janeiro, no entanto, veio alterar o precário equilíbrio no qual seus moradores conviviam a semear a discórdia nos corredores do prédio.

Gérson Correia, sargento da Marinha, solteiro e adepto fiel da teoria de que homem, para ser homem, tem que falar muito alto e fazer gestos largos, tomou posse no cargo e imediatamente baixou uma série de éditos, alguns arbitrários e ilegais, como este, que consta de um papel afixado na portaria: "Qualquer morador que quiser dar uma festa em sua residência terá que pedir autorização ao **Senhor Síndico** com 36 horas de antecedência. E não ficou só nisso o furor legislativo do **Senhor Síndico:** a alguns moradores dedicou editos especiais, que nem sequer foram redigidos, mas sim pronunciados por ele em tom enfático, como aquele que destinou a Vicente de Fluri, o travesti Verushka, morador do prédio há quatro anos: a partir de sua posse como síndico ele só poderia continuar usando o elevador social do prédio se trocasse suas vestimentas por roupas "estritamente masculinas".

Como o prédio só tem um elevador, Verushka achou o desaforo grande demais e resolveu tomar providências: através da advogada Aída Vaisberg impetrou uma ação inédita na 14ª Vara Cível: uma medida cautelar contra o síndico que, se julgada de acordo com a lei, firmará a seguinte jurisprudência: é inconstitucional querer forçar um cidadão, por qualquer motivo, a usar determinado tipo de vestimenta. Ainda mais que, no caso, as roupas de Verushka não são "estritamente femininas" — ele nunca saiu do prédio usando saia, por exemplo ; a não ser que se queira considerar mentora da moda e guardiã da masculinidade a mente tortuosa do síndico, para o qual Vicente está vestido de mulher até mesmo quando sai de calça e **T-Shirt**, mas usando uma prosaica bolsa a tiracolo.

VIZINHOS

Gérson, na verdade, é vizinho de Verushka desde que este foi morar no Edifício Canindé:

— Moramos no mesmo andar. Eu no 1.101 e ele no 1.110. Nestes quatro anos, nós nunca nos falamos porque eu não sou de circular muito pelo prédio em que moro, estou sempre saindo para o trabalho, ou então chegando. A gente se cruzava no elevador, mas nem se cumprimentava. Eu o via sempre em companhia de uma turma de marinheiros que mora por lá, mas tudo bem: nunca me incomodaram, e eu sempre na minha. Problema comigo no prédio, aliás, nunca houve. Inclusive, o dono do meu apartamento era o síndico do edifício quando eu fui morar lá.

Em janeiro, no entanto, Gérson Correia foi eleito síndico do Edifício Canindé, e as várias portarias que baixou deixaram bem claro que alguma coisa ia acontecer, segundo Vicente. Ele começou a receber recados do síndico, transmitidos pelo porteiro, para que o procurasse. "Eu disse ao porteiro que não ia fazer isso, porque não estava querendo falar com ele. Se ele quisesse, que me procurasse, mas no meu apartamento." A situação ficou neste pé até que um dia ele cruzou com o síndico no corredor, e este o chamou para ir até o seu apartamento, pois precisavam ter "uma conversinha".

— Lá, ele me disse que não tinha nada contra mim, que me achava uma pessoa de comportamento exemplar, mas que ia ter que proibir minha entrada no prédio pelo elevador social se eu não passasse a usar roupa estritamente masculinas. "O que você entende por roupas estritamente masculinas? Ele disse: "São diferentes dessas que você usa"; Eu tentei explicar que era Veruskha, um artista, que tinha carteira da Censura Federal (de nº 0005), que tinha passado por um tratamento de hormônios, e que minha figura só seria chocante se, ao contrário, com o tipo feminino que eu tenho, passasse a usar paletó e gravata. Mas ele não quis ouvir explicações: "Quem manda no prédio sou eu, e eu quero moralizar isso aqui", gritou. Então eu lhe disse que quem ia tratar da questão era a minha advogada.

A advogada, no caso, é Aída Vaisberg, velha amiga de Vicente, de quem é cliente no salão de cabeleleiros **New Marité**. Especializada em advocacia criminal, capaz de invadir distritos para, de alvará em punho soltar clientes injustamente presos, ela confessa que atuar numa causa cível é novidade para ela. Mas, rodeada pela mãe e os três filhos — que ouvem com atenção a história de Veruskha — Aída explica por que não hesitou em defender os interesses de Vicente:

— Em primeiro lugar, porque nós somos amigos. Mesmo assim, eu não ficaria com o caso, se não achasse que Vicente tem razão. Acontece que ele é um cidadão, fiel cumpridor dos seus deveres, que paga impostos etc. como é que se pode pensar em restringir seus direitos? Um destes, seguramente, é andar vestido com as roupas que quiser. Verushka não usa roupas mais femininas que as de um garotão de Ipanema, um surfista, por exemplo. Alguém já pensou em proibir um garotão de Ipanema andar no elevador social do prédio em que mora só porque ele usa sandálias e camisetas?

O caminho escolhido pela advogada para defender os interesses de Vicente foi impetrar uma ação judicial, pedindo uma medida cautelar contra atitude proibitória do síndico; caberá ao juiz da 14ª Vara Cível preciar o caso e conceder uma liminar, após o que a advogada entrará com a ação principal. Seria este o caminho mais rápido para garantir os direitos do morador do prédio ameaçado? Aída diz que não.

— Eu poderia ter ido a uma delegacia e dado queixa por constrangimento ilegal. Mas com isso estaria criado o escândalo, e eu quero preservar a imagem de Vicente. Além disso, andei pesquisando e descobri o seguinte: esse tipo de ação é inédita no Brasil, nunca foi tentada antes. Com ela, estará firmada jurisprudência, o que é muito importante para as pessoas que costumam sofrer esse tipo de perseguição por parte de síndicos arbitrários.

Para Verushka, inclusive, o caso deixou de ser puramente pessoal, na medida em que ele tem consciência de que há muita gente que passa pela mesma situação, e trata de mudar dos prédios em que moram, em vez de defender seus interesses: "O pessoal fica com medo de escândalo, com medo da reação dos vizinhos, com medo que a família saiba, e trata de dar o fora. O que eu quero que fique bem claro é o seguinte: se a atitude do síndico é ilegal, então a lei nos protege de atitudes como estas."

A posição da Justiça quanto ao caso também é bem clara, segundo Aída; ela andou conversando com os juízes, e houve apenas algumas dúvidas sobre o tipo de ação através da qual serão garantidos os direitos de Verushka: "uns acham que é medida cautelar, outros que é interdito proibitório. Mas quanto ao direito dele, ninguém nega."

Sobre os outros moradores do prédio, Verushka diz que eles, mesmo não querendo se envolver, vêm demonstrando que o apóiam na questão: "Inclusive a televisão foi lá e ouviu algumas pessoas sobre o caso. Um rapaz, que faz parte da turma dos bofes da esquina, disse que não tinha nada contra mim, que eu sempre me comportei muito bem etc., e que ele achava que era um problema pessoal do síndico contra mim."

NO PRÉDIO

Seria realmente esta a posição dos moradores? No Edifício Canindé o acesso é vetado pelo porteiro da manhã que, à nossa chegada, meditava, imóvel, diante de um maço de cartas que acabara de receber do carteiro. "O síndico não está, e não sei a que horas chega", ele respondeu à nossa pergunta. E, da porta de entrada, ficou vigiando enquanto nós fazíamos perguntas às pessoas que saíam: duas mocinhas que, em meio a risadinhas, saíram correndo sem nada responder; um garotão que se limitou a dizer "estou por fora, xará", e uma senhora, falante e sorridente, que comentou: "O rapaz louro do 11º andar? Eu acho ele uma gracinha. Tão quieto, tão bem educado, parece uma moça."

É mesmo na esquina, e não na portaria do prédio, que se consegue algumas informações. Um rapaz, que pede para não ser identificado, diz que o síndico, antes de ser eleito, "ficava rodeado de piranhas no bar da Praça Cruz Vermelha". Outro acrescenta que ele gosta mesmo é de "ficar conversando com seus companheiros de Arma, os marinheiros que também moram lá". Um terceiro diz que acha Verushka "uma pessoa legal", enquanto outro protesta: "Sem essa, pô; o cara é todo cheio de fricotes."

De tarde, com a mudança de porteiro, a volta ao Edifício Canindé: ele não dá nenhuma informação sobre o síndico, e acrescenta: "A ordem é pra não falar com a imprensa." Quase à mesma hora uma bonecona, de frondosa cabeleira branca, sai do prédio. Perguntada sobre o caso Verushka, ela olha para os lados, receosa, mas afinal responde:

— Eu sou contra o travesti. Mas nesse caso ela foi muito corajosa, e eu estou torcendo por ela. Ele também andou batendo em outras portas, aqui no prédio, pra fazer reclamações. Não quer nem que a gente receba visita em casa, imagine! Eu acho que a Verushka vai ganhar a questão. Se até a imprensa está com ela...

Por volta de 19 horas os moradores do Edifício Canindé começam a chegar em casa. Dá para sentir, pelo ar cansado da maioria, que eles estão mais preocupados com a barra pesada que enfrentam para sobreviver do que com problemas como este, criado pelo síndico. Barra pesada por barra pesada, no fundo, eles estão muito mais próximos de Verushka que do sargento Gerson Vieira.

Aguinaldo Silva

Verushka, a mulher-maravilha da nossa capa, só se veste daquela forma nos shows. **No dia a dia é o maquilador Vicente, de roupas tão "femininas" quanto as de qualquer garotão** (fotos de Dimitri Ribeiro)

Contra a loucura de ocasião

O Centro Acadêmico de Debates e Estudos da Escola Superior de Psicanálise distribuiu aos jornais da imprensa alternativa a seguinte nota assinada pelo seu presidente, o professor Boaventura Cisotto Netto:

"Considerando a matéria fartamente publicada pelos órgãos da imprensa paulista, o Centro Acadêmico de Debates e Estudos de Psicanálise — CADEP, entidade científica reconhecida de utilidade pública, cumprindo suas finalidades legais e estatutárias, vem a público endossar as providências tomadas por Dom Paulo Evaristo Arns, através da Comissão de Justiça e Paz em São Paulo, em favor do ex-líder religioso Aparecido Galdino Jacinto, que se encontra recolhido no Manicômio Judiciário Franco da Rocha, vítima de discriminação científica, baseada em discutíveis conceitos psiquiátricos.

"A imoralidade de tal "recolhimento" se estriba no absurdo diagnóstico segundo o qual Galdino, por curar pessoas desesperadas, através de benzimentos, seria um "doente mental", quando já a Organização Mundial de Saúde determinou que o tratamento psíquico, a medicina caseira, as ervas e os tratamentos em geral, empregados por "terapeutas", é vantajosa e eficiente, pois ficou comprovado que nos países subdesenvolvidos a assistência médica convencional é dispendiosa e inexistente. Mais que isso, a Sociedade Brasileira para o progresso da Ciência, em recente congresso, constatou que rezadores, benzedores e mães e pais de santo são responsáveis por 60,25% do tratamento das doenças em geral (contra 21% dos assistidos pela medicina convencional) em Nova Iguaçu, município superpovoado e carente de recursos, como milhares de outras cidades brasileiras, onde tal situação deve ser idêntica. Aceitar a condenação, pacificamente, de um dos únicos recursos que socorre o desespero das populações menos privilegiadas seria negar ao Homem princípios básicos, regidos pelo Magna Carta dos Direitos Humanos.

"Por outro lado, a perpetuação de laudos periciais psiquiátricos — deficientes, controvertidos e incoerentes — torna os profissionais médicos, signatários de tais absurdos, infratores da Declaração de Procedimento Ético Complementar, promulgada pelo Núcleo de Profissionais da Saúde do Comitê Brasileiro de Anistia, que, defendendo princípios humanitários, textua:"O médico não deve ser conivente ou participar da prática de tortura, ou de outras formas de procedimentos cruéis, desumanos ou degradantes em quaisquer situações, inclusive conflito armado ou guerra civil, seja qual for a infração pela qual a vítima de tais procedimentos seja suspeita, acusada ou culpada, e sejam quais forem as crenças ou motivos da mesma." O indefinido recolhimento de Aparecido Galdino no Manicômio Judiciário se constitui na mais flagrante prática de tortura mental, caracterizando um procedimento cruel, desumano e degradante, que macula a dignidade humana de todos os cidadãos brasileiros, como também, diante da História, compromete toda a classe médica.

"Neste sentido, aproveitando a atmosfera espiritual de mais um ano que se inicia e a pressuposta boa vontade de nossos dignatários, apelamos para todas as autoridades constituídas, à população brasileira, aos médicos e profissionais da Saúde em geral, parapsicólogos e aos nossos associados para que cerrem fileiras em favor da soltura de Aparecido Galdino, acusado apenas de lutar pela defesa de uma justa questão social. Apelamos ainda para a imediata revisão dos conceitos psiquiátricos, em que a Medicina, revestida de toda a aura de cientificismo, converte-se em instrumento de repressão, tortura psicológica e aniquilamento moral.

"Que esta tomada de consciência e humanismo, aqui lançada, não beneficie apenas o líder religioso Galdino, mas todos os cidadãos brasileiros vítimas de discriminações sociais, religiosas científicas ou políticas."

É isso aí: a nota do CADEP é muito oportuna. Aparecido Galdino foi preso em Goiás sob a acusação de insuflar camponeses à revolta, e enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Mas nunca foi a julgamento por isso; ou melhor, quem o julgou foram os psiquiatras, decretando a sua loucura e decidindo que ele fosse internado num manicômio, em São Paulo. Dessa forma, ele não será beneficiado nem mesmo pela anistia, que, evidentemente, além de restrita — como vem sendo prometida —, não será extensiva àquelas pessoas que o regime considerou **loucas**.

Por mais que a classe médica fuzile através de notas oficiais publicadas na grande imprensa os que ousam denunciar seus desacertos, casos como o de Aparecido estão aí, como diz a nota do CADEP, a comprometê-la diante da História: os que assinaram o laudo decretando a **loucura** de Galdino não são menos suspeitos, por exemplo, que o legista Harry Shibata, que assinou "em confiança" o laudo sobre o suposto suicídio de Vladimir Herzog.

Nos seus dois últimos parágrafos, a nota do CADEP, transcende o assunto de que trata para englobar toda uma situação que interessa mais de perto aos leitores de LAMPIÃO: afinal, não é essa aura de cientificismo da medicina psiquiátrica que leva os seus especialistas a emitir conceitos de tipo "o homossexual é anormal e neurótico porque tem problemas infantis não-resolvidos"? Sim, o prof. Boaventura Cisotto Netto tem razão: todos os cidadãos brasileiros, vítimas de discriminações sociais, religiosas, científicas ou políticas, têm obrigação de se engajar na luta pela revisão dos conceitos que levaram Galdino ao manicômio.

Aguinaldo Silva

Um bonde chamado prazer

A Rua 42 de Nova Iorque poderá em breve ter seus bondes de volta. Segundo o circunspecto "Jornal do Brasil" (que hipocritamente proibiu que se fale em homossexualismo em suas páginas e, principalmente, sobre este nosso jornaleco), os planejadores da prefeitura de Nova Iorque pretendem recuperar a famosa artéria, "que há algum tempo poderia ser comparada à Galeria Alaska do Rio". Essa linguagem eufemística é outra safanagem típica do sistema de desinformação da chamada grande imprensa. A 42 continua como sempre foi, uma zorra total, o ponto geobichesco dos States. Ainda no ano passado a revista "New Yorker" publicou uma enorme matéria de capa sobre a Rua, falando de toda a loucura que pinta ali 25 horas por dia. Na verdade, o que pretendem com esse tipo de desvio de informação é denunciar e reprimir uma situação local com um assunto interposto. Se a Rua 42 foi "limpa", no país mais livre do mundo, por que não fazer o mesmo com a Galeria Alaska? Eles chegam a dizer que, afinal, o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil.

Toda a grande cidade tem a sua Rua 42, sua Galeria Alaska. Isso incomoda a sociedade machista, mexe sei lá em que nervo. É um problema de insegurança, apenas isso, porque os locais em que os homossexuais costumam se encontrar não prejudicam em nada a vida da cidade, são muito inocentes se comparados com os Regine's da vida; no caso da Galeria Alaska, ela até tem bem em frente uma delegacia de polícia que zela cuidadosamente pelo seu bom comportamento. Mas é como eu sempre digo ao pessoal: um machista, quando se sente acuado vira bicho (eu falei **bicho**), se torna perigoso. Além do mais, todos os velhacos disponíveis no planeta se refugiaram no machismo, que é a última bandeira conservadora. Qualquer dia eles vão começar a elogiar até a Argentina e sua vocação obscurantista de repressão dos homossexuais, ou então a hipócrita sociedade islâmica, para a qual os homossexuais não existem (embora por lá o troca-troca seja generalizado, ninguém diz não a um convite à valsa, e nisso os mulçumanos são bem simpáticos).

Nós, porém, que há séculos viemos dando a volta por cima sem deixar jamais a peteca cair, devíamos segurar essa causa e torná-la nossa. Vão botar bondes na Rua 42 para recuperá-la? O que é bom para os States é bom para o Brasil? Pois que façam o mesmo na Galeria! A Prefeitura carioca terá toda a colaboração da rapaziada na implantação dos trilhos. Seria o bonde da alegria, a linha do prazer e iria do Acapulco, na Avenida Atlântica, à boate Cuevas, na Miguel Lemos — uma linha curta, como se vê —, com paradas no El Jerez, no Sótão, no Miguel Ângelo e onde mais que o pessoal quisesse descer para uma fezinha. A inovação, tenho certeza viria como um alívio para os notívagos que gastam sola de sapato sem descanso entre esses lugares e daria um bom lucro aos cofres do Município. Para que o turismo também tirasse seu proveito, o bonde seria pintado com as cores do arco-íris e os uniformes do motorneiro e do cobrador seriam desenhados pelo Gui-Gui.

E no auge do nosso entusiasmo e vontade de homenagear o grande irmão do Norte, a linha de bonde que cortaria a Galeria Alaska seria batizada com o número da rua 42, só que invertido. (Desde já avisamos que cobraremos **royalties** da prefeitura do Rio de Janeiro quando ela, maneiramente, resolver colocar em prática este nosso plano)

Francisco Bittencourt

BADALO

O nosso Jornal do Brasil

Desde o nº 1 de LAMPIÃO que a gente vem recebendo cartas de leitores pedindo informações sobre outras publicações, bem como endereços no exterior etc. Pois é, pessoal, lá fora existem jornais como **Gays News** *(que nada tem a ver com o seu homônimo nacional), cujas páginas de anúncios especializados fazem o Jornal do Brasil parecer o "Diário de Araraquara", de tão pobre. Para satisfazer os que nos escrevem, criamos esta seção, o nome ia ser mais pomposo, algo assim como "Gays around the world", mas no fim optamos por uma coisa mais simples:* **Badalo**, *curto e grosso. Não é uma seção fixa, porque a gente não curte muito essas coisas de fazer um jornaleco sempre muito igual, mas sairá sempre que houver notícias, com tópicos sobre o que os jornais entendidos andam publicando lá fora, endereços, informações etc. Ideal para a turma que freqüentou o Yazigi e quer dar uma palinha em inglês. É isso aí, pessoal: badalem à vontade.*

Quem poderia imaginar que na Colômbia existisse um movimento de conscientização homossexual? Pois existe e tem, inclusive, um jornal de aspecto despretensioso mas de boa informação e seriedade. **El Otro**, este é o seu nome, e deve ter a mesma idade de LAMPIÃO. Recebemos há pouco o número de agosto-setembro — com bastante atraso, o que é estranho, nessa época a jato —, mas de qualquer forma queremos destacar a coragem dos nossos irmãos sul-americanos, aguentando a barra num país em que a prática comprovada de atos homossexuais é ainda julgada e punida "por los abusos deshonestos, sin importar la edad de las personas, com pena de seis meses a dos años de prisión". O endereço de **El Otro** é Ap. Aereo 6525, Medellin, Colômbia.

Outra publicação colombiana é a revista bimensal **Ellos y Su Mundo**, a qual só conhecemos através de um anúncio em **El Otro**. O endereço: Ap. Aéreo 28341, Bogotá, Colômbia.

• Robert Alan Roth, de Nova York, mantém com o mundo todo um intercâmbio de informações, via direta, por correio. Uma vez por mês, às vezes duas, senta à máquina de escrever, prepara uma carta com novidades, faz um certo número de xerox, envelopa e manda em frente. Através dos seus boletins tomamos conhecimento de que lá nos Estados Unidos o pessoal foi mobilizado logo soube que nós, do LAMPIÃO, estávamos tendo encontros e entrevistas com a Polícia Federal. A mesma coisa aconteceu quando o pessoal da revista **Isto é** teve que comparecer aos mesmos encontros e entrevistas, por causa da matéria **Os Gays saem à luz**.

Robert Alan Roth escreve em inglês, mas também fala espanhol. Os interessados em manter correspondência com ele poderão tentar mesmo em português: um visionário como ele, desinteressado e com tanta boa vontade, mesmo desconhecendo a nossa língua, fará o impossível para adivinhá-la. Endereço: 253 West 72 Street — New York, N.Y. 10023 - USA.

• **Quand les femmes s'aiment** é a publicação do Groupe de Lesbiennes de Lyon. Custa cinco francos lá, mas para receber aqui deve ser mais caro. Em todo caso, quem pode dar a informação certinha são elas mesmas: 13,Rue Gaillot — 69001, Lyon, France.

• ALEPH é a sigla do Centre d'Information sur l'Homossexualité, que publica também um boletim mensal de informações e contos internacionais. Transmite bem e a sério. Mesmo endereço acima.

• **Outras publicações: Lambda** — Casella Postal 195, 10100, Torino Centro, Itália. **Fuori** — órgão do Movimento di Leberazione Omossessuale, também de Torino. Casella Postale 147 — 10100, Torino Centro. **Jamaica Gally News** — do Gay Freedon Movement: PO Box 343, Kingston 89, Jamaica (lembra-se do calipso? Pois é.) **Ompo**, Mensile di Política, Cultura e Attualitá — Via Palaverta (1º tr): 00040, Frattocchie di Marino (Roma) Itália.

• O reverendo José L. Mojica (não confundir com o frade homônimo, ex-ator de cinema e que já morreu), fundador da Metropolitana Community Church Hispana, anuncia pela imprensa guei norte-americana sua vinda ao Brasil, para formar uma igreja similar à que mantém em Nova York. A finalidade principal do M.C.C.H. é harmonizar o homossexual com o cristianismo, do qual ele se sente repelido pela discriminação. É uma igreja ecumênica, composta por pessoas de diferentes credos cristãos, e o serviço religioso é composto de rituais católicos-romanos e protestantes. As missas são na "Calvary Episcopal Church", em Park Av. & 2 St. - New York. A igreja tem escritório em 152 West & 42 St., **room** 935, N.Y.

Estrelas mil na Galeria Alaska

O verão carioca acrescentou, aos habituais freqüentadores da Galeria Alaska, uma leva de turistas, principalmente argentinos, que lá comparecem todos os anos para confirmar — ou não — as notícias que circulam pelo mundo, segundo as quais aquele é o mais tradicional gueto da homossexualidade local, ou o **gay paradise** de Copacabana. Aos turistas a Galeria do Amor ofereceu as atrações habituais; mas seus freqüentadores mais tradicioais notaram, neste verão, uma sutil mudança de comportamento no local: o que estão fazendo por lá aqueles casais de meia idade? E aqueles rapazes de **shorts**, a exibir músculos insuspeitados mal cobertos por suas **T-shirts** do último tipo? E todos aqueles **stars** de alguma cinematografia desconhecida, a posar pelos cantos para máquinas fotográficas e **flashes** invisíveis? No Miguel Ângelo ainda estão, a pular de uma mesa para a outra, os mesmos michês e as mesmas bichas de 457 anos, mas e estas outras pessoas, o que estão fazendo na Galeria?

A verdade é que a inauguração do Teatro Alaska — muito apropriadamente com o **show** intitulado **Feitiço**, a cargo de Ney Matogrosso — e a reforma que transformou o **Sótão** numa incrementada discoteca, acabaram por transformar a galeria em mais um reduto da classe média-curiosa, essa que acompanha os últimos lançamentos e procura encampá-los, na esteira do que ela pensa que seja a moda e o sucesso. Estes moços que posam para máquinas fotográficas inexistentes estão, visivelmente, fingindo que são Ney Matogrosso à saída do **show**; aqueles rapazes de **shorts** e chaveiro a tiracolo que adentram no **Sótão**, está na cara, fingem que são Ionita Sales Pinto e Antônio Guerreiro (mas esta dupla já é coisa do passado) ingressando num **hippopotamus** qualquer.

Mudou a Galeria Alaska? Um frequentador habitual, que não quis se identificar, acha que não, ou melhor, que mudou a aparência, mas a essência continua a mesma: "O pessoal que vai ao teatro é gente de família, pessoas diretas ou que parecem ser. Quanto a esse pessoal (**as estrelas que, em grupos, ocupam lugares estratégicos da galeria**), são um bando de exibicionistas; tem gente por aí que economiza a semana inteirinha só para ir ao **Sótão** no fim de semana. Muitos não têm condições de ser o que desejam, e chegam até a alugar roupa só para se exibir na discoteca. Eu sou uma pessoa pura e simples, e acho que todos deveriam aparentar o que são, deveriam ser autênticos. Veja os que fazem parte do círculo de amizades de Ney Matogrosso: querem ser mais **star** do que ele".

Como se tivesse ouvido a deixa que o frequentador habitual acabara de pronunciar, Ney sai por uma porta lateral do Teatro Alaska. **Jeans** bem batidos, cabelos amarrados para trás num rabo-de-cavalo, uma discreta bolsinha a tiracolo, olhos baixos, ele caminha por entre as pessoas vestidas de lamês e brilhos: é a mais humilde das criaturas. Ney desaparece no fim da galeria sem ser notado, enquanto o **Careca**, o porteiro do **Sótão**, abre a porta para deixar entrar uma leva de **gays-machos**, vestidos de uma maneira que lembra vagamente o bandidinho nazista, uma das roupas usadas pelo **estrelo** em seu **show**.

Essa mudança na galeria, pelo menos como ela foi detectada até aqui, seria para pior? Silvinho, o cabeleireiro, outro frequentador habitual, acha que não; ele é a favor da **mistura fina**, ou seja, da transformação da galeria em território neutro, aberto a todas as classes sociais:

"A galeria não chega a ser uma Via Veneto. É muito engraçada no ótimo sentido. Tem muita gente interessante, muitos amigos, muitas pessoas inteligentes, divertidas, engraçadas, espirituosas. Existe uma mistura de níveis. Você encontra pessoas da mais alta classe social até o mais baixo nível. Se viesse pessoas de uma só classe, acho que seria uma super-masturbação. O importante é que venham pessoas de todos os níveis. Afinal, a galeria não é definida, não é propriedade de uma só classe. Como dizem, é a maior reserva biológica do mundo. Acho que não tenho críticas a fazer sobre o modo de as pessoas serem aqui. Eu, sempre que estou livre, venho aqui, porque sei que exitem pessoas interessantes para ser ver".

E a polícia? Existe um distrito policial bem em frente à galeria, e sabe-se que a convivência entre o pessoal **do lado de lá** e os policiais nem sempre se dá em bom nível. Outra vez um velho frequentador (que, naturalmente, não quis se identificar) diz que frequentemente pessoas da galeria são "convidadas" a atravessar a rua e, na delegacia, tudo pode acontecer. Desde a simples intimidação verbal até a agressão física. Muitas vezes, pessoas que não têm documentos passam a noite inteira numa cela escura e fria.

Agora, com o **show** de Ney Matogrosso, isso já não acontece, pelo menos, até meia-noite. O público eclético do cantor — no qual se incluem, como já dissemos, tranqüilos casais de meia idade — possivelmente fica até espantado, ao esperar na fila a vez de entrar no teatro e ver a galeria tão calma — pelo menos sem brigas e arruaças —, ao contrário do que habitualmente dizem dela. Só que, terminada a sessão de teatro, a polícia pode entrar em ação a qualquer momento.

Outra coisa que não mudou na galeria foi o tipo de relacionamento entre as pessoas: ele é frio, interesseiro, inconsequente, não leva a nada, a não ser — às vezes —, ao prazer sexual; tal como em ambientes predominantemente heterossexuais mas igualmente fúteis, toda aquela movimentação, aquela circulação sem rumo se apóia no vazio das pessoas que lá estão; um vazio sentimental e um medo de ser invadido em sua intimidade por algum estranho. Para dar vez ao sociologismo, diríamos que este comportamento é produto da violência e da degeneração das relações entre as pessoas da sociedade como um todo e, em termos de Rio de Janeiro, esta conclusão confirma-se principalmente pela neurose urbana existente que isola o indivíduo e corrompe o seu comportamento. Sim, porque na Galeria Alaska não há grandes novidades: as pessoas simplesmente criam e recriam em cima de padrões impostos. E o padrão atual é cada um na sua, ou seja: fingindo que é um "disco-star" (**Aristides Nunes Coelho Neto**)

Leia no próximo número: uma estrevista-ouriço com NEY MATOGROSSO, o "estrelo" da Galeria Alaska.

Que homem engraçado, meu Deus!

Hartur, de 23 anos, é um gaúcho de Porto Alegre. Já colaborou no CooJornal e na Zero Hora, dessa cidade, e agora **Lampião** lança-o como cartunista a nível nacional. A relação entre pais e filhos, jovens e adultos é um dos seus temas preferidos, além da ecologia, da corrupção etc., etc. etc. Hartur nos promete para o próximo número uma charge sobre as bonecas da Avenida Independência, de Porto Alegre. Agora, meninos, cuidado, se por acaso o encontrarem fazendo pesquisas: Hartur, além de motoca, é faixa preta de judô.

carnaval, todo mundo sem máscara

Fazer dez números de LAMPIAO foi, para nós, um verdadeiro carnaval; por isso a gente chegou à última semana de fevereiro com um certo tédio. "A gente vei ter que fazer cobertura"? — Perguntavam-se uns aos outros os enfarados lampiônicos (e nem mesmo o significado ritual da palavra *cobertura* os animava): resolvemos que sim, mas apenas, e na medida do possível, de manifestações carnavalescas que tivessem um significado *underground:* de bailes, os pré-carnavalescos de Elite, as normas noites de sábado do São José, ou o monumental Berro do Paulistinha não dispensando o maior baile de travestis do Brasil — *Noite em Bagdá*, no Monte Líbano; do desfile dasescolas de samba, apenas os detalhes que interessassem ao pessoal da Banda de Lá; e da rua, os flagrantes menos acadêmicos, este que a gente aqui estampa. O problema é que muita gente que faz este jornal não acredita nessa história de que carnaval é liberação dos sentidos, etc., mas sim, que é apenas uma festa onde as mazelas do dia a dia são exacerbadas levadas às últimas conseqüências. Daí, nossa cobertura carnavalesca acabou refletindo tudo isso.

●

Embora cada vez mais ameaçado — este ano foi detectada a presença de vários grã-finos, o que é o primeiro sinal de perigo para qualquer festa popular —, o Berro do Paulistinha continua sendo a maior manifestação *under-ground* do carnaval carioca. A começar pelos seus patrocinadores, os *banqueiros* do jogo do bicho Manola e Zinho, donos dos pontos da "zona síria" do Centro do Rio (Rua da Alfândega e adjacências) que, este ano, sem qualquer ajuda da Riotur (graças a Deus!), gastaram Cr$ 2 milhões na promoção cujo ponto alto é o grandioso desfile das bonecas.

Foi o décimo Berro, este ano. Sempre no mesmo lugar, diante do Bar Paulistinha, na Rua Gomes Freire, devidamente fechada num quarteirão inteiro para melhor abrigar a decoração, os músicos, a passarela, as mesas e o público. Por volta de meia-noite da sexta-feira, véspera do carnaval, aquele trecho de rua estava inteiramente tomado pela multidão que consumia chopes e salgadinhos (distribuídos gratuitamente), pulava ao som da banda do Bola Preta e confraternizava como convém, numa festa realmente popular: todo o mundo na sua.

Àquela hora o colunista Roy Sugar apresentou Rogéria, a qual, depois de tentar descobrir quem era quem no júri — havia desde Carlos Machado a um juiz de Direito, passando por Elke maravilha, Elza Soares e Alcione —, deu início ao desfile. Este, no entanto, apesar das fantasias incríveis, dignas de qualquer passarela, em nenhum momento foi mais interessante que a platéia. Era possível anotar coisas como uma bicha de 875 anos que sambava, vestida de melindrosa, sobre uma mesa, revelando, ao falar, o inevitável sotaque portenho; via-se um rapaz esquecendo por instantes a namoradinha para olhar de soslaio o cabeleireiro Silvinho e lhe fazer gestos fora de quaisquer dúvida; ou um senhor, com a respectiva esposa, cuja mão, a certa altura, caminhou como uma pinça certeira em direção a um par de seios, masculinos, é certo, mas que deixariam Rachel Welch rubra de despeito.

Detalhes, detalhes: às duas horas da manhã o espírito do deus Baco ainda não havia baixado na infatigável Rogéria, mas o que acontecia diante dela era uma festa bem típica daqueles tempos de deliciosa Antiguidade: na mais santa paz, todo o mundo se curtia, e então já se beirava o delírito; eu, por exemplo, exultei quando vi passar diante de mim uma caravana de bicheiros, a galopar sobre a multidão como se fossem camelos cruzando a areia do deserto, carregando, cada um deles sobre a cabeça, caixas enormes de uisque escocês, "by appoitment of Alfredo Stroessner", do Paraguai.

Quem ganhou o desfile de fantasias? Sei lá! O que eu sei é que o prêmio era de Cr$ 25 mil e foi entregue na hora: uma montanha de notas de Cr$ 100, possivelmente arrecadadas na tarde anterior nos pontos da "zona síria". Como foi que a festa terminou? Não me perguntem. Basta dizer, que, ano que vem, estarei lá outra vez, esperando que continue exatamente como é: uma festa marginal, a mais quente do morno e insosso carnaval caioca. (AS)

●

• Peço licença para falar pela primeira vez sobre a Turma do Gargalo — assim chamada porque formada pelo pessoal que se comprime, em pé, colados, bem colados mesmo, uns aos outros, no final da pista de desfile das escolas de samba. Acreditamos que é o local onde mais tem pegação no carnaval. Tem gente que chega até a ficar grávido no meio de tanta compressão e descompressão: formam-se mesmo alguns trenzinhos *e outras composições ferroviárias, além de guloseimas do tipo* sanduiche, *tudo isso ao som repinicado do samba. É um salve-se quem puder adoidado.*

Agora, uma coisa que o pessoal da Turma do Gargalo rejeita peremptoriamente, ainda que seja de graça, é sentar naquelas arquibancadas desconfortáveis e imunes à pegação. E a Turma já é tão tradicional que se supõe tenha surgido exatamente quando houve o primeiro desfile de escola de samba. Procurem conferir: aquelas comprimidas noites de delícias chegam a deixar no chinelo festas acadêmicas como o Baile do São José (Carlos Alberto Miranda)

Bloco "As Donzelas de Jacarepaguá" **(foto Agência Globo)**

●

• Mergulhado até o pescoço na mordomia proporcionada pela Prefeitura carioca aos seus convidados, em plena noite do desfile, o italiano Franco Zefirelli, que faz uns filmes muito do chatos tipo "Romeu e Julieta" (mas é muito prestigiado pelo **jet set** internacional; essas mutretas de grã-finos...), entrevistado pela televisão, saiu-se com essa pérola: "O Brasil é a última nação feliz do mundo". Os dois brasileiros mais próximos dele eram Marcos Tamoyo e Jorge Amado, representantes lídimos e autorizados de Dona Felicidade, e que, portanto, não ficaram chocados com o que Zefirelli dizia. Quanto ao resto dos brasileiros, bom, eles não entram mesmo na passarela do samba e por isso não contam.

Aliás, esse negócio de trazer convidados para o carnaval carioca está ficando meio imoral. Este ano veio um bando de senhoras em disponibilidade: Anita Ekberg, Ursula Andress, uma tal Sabine Schneider cuja ocupação ninguém soube dizer qual é. As supostas "estrelas" dessa vez vieram sozinhas, mas não é que a Riotur tenha feito qualquer recomendação neste sentido; é que elas andaram descobrindo, no carnaval anterior, que os **boys** dos hotéis onde ficam hospedadas são mais ativos e prestimosos que seus mimados acompanhantes... Dessa lista de desocupadas (se a PM desse uma **blitz** na avenida ia prender muitas por vadiagem) a gente tira o nome de Candice Bergen, que é uma mulher de respeito, e de Liza Minelli, que veio a serviço. Todas elas, é claro, foram devidamente humilhadas pelo **negão** que atende pelo nome de **Eloína**, esta sim, a mulher mais bonita dentre todas as que puseram os pezinhos na Marquês de Sapucaí. (**AS**).

●

•Por que tantos homens se vestem de mulher no carnaval? A escritora Carmem da Silva deu uma entrevista na TV-GLOBO sobre o assunto, e disse que há vestígios de homossexualidade latente neste ritual em que autoproclamados machões saem às ruas vestindo as roupinhas de esposas, noivas, namoradas e irmãs. Peço licença para discordar em parte de você, querida Carmem: há homossexualidade latente, sim, mas há principalmente vestígios da discriminação à mulher. No carnaval os homens se vestem de mulher como se vestem de macacos; e exageram nos gestos, frisando a imagem da mulher que os deixa mais tranqüilos — a mulher é para os machões um ser fraco, dependente, fútil e fricoteiro, e é assim que eles a representam no carnaval. Tanto é verdade que a homossexualidade latente não é o detalhe mais importante nesse ritual carnavalesco, Carmem, que não se vê na rua uma só mulher vestida de homem.

Vejam o caso das "Donzelas de Jacarepaguá", cuja foto ilustra esta página: blocos como este proliferam nos subúrbios cariocas mas são também detectados em todas as cidades onde há bom carnaval: Olinda, Salvador, Recife, etc..No Rio, o mais famoso deles, as "Piranhas de Madureira", este ano teve uma recaída: seus integrantes saíram com máscaras de gorila, e de gravata e paletó. Deram muita bandeira no ano passado, hem, rapazes?)AS).

●

*• Eu disse lá atrás que a **Noite em Bagdá** é o maior baile de travestis do Brasil? Pois é. Este ano pulavam nos salões do Monte Líbano a ex-Patti Page (hoje Vanusa Bardot), Liza e Soraya (duas árabes), a francesa que veio do Carroussel de Paris, três brasileiras que também moram na França e que, com suas **pommettes** de rígido silicone, pareciam caricaturas de Mae West, a **divine** Eloína, a antigamente chamada "Peito de Pombo" (depois que **virou mulher** ganhou outro nome). Ira Velasquez e uma multidão de outras menos votadas. Este autêntico escrete era, naturalmente, o mais despido do salão. E, com suas próteses de silicone colocadas em locais estratégicos, atraíam, para onde quer que fossem, uma verdadeira horda de ávidos senhores. Era um espetáculo hilariante, ainda mais quando visto através da tevê, o das **meninas** a subverter a ordem do baile que, mesmo sem a presença **delas**, já é o mais descontraído do Brasil. (AS)*

●

Meu namoro com escolas de samba vem de alguns anos atrás, quando eu ainda as assistia das arquibancadas. Porém há quatro anos tomei coragem e tentei participar da Império Serrano, na qual estavam desfilando alguns amigos. Só que não houve tempo para a confecção da roupa e precisei desistir, aguardando a outra oportunidade, que surgiu no ano seguinte: Arlindo Rodrigues era o figurinista da Vila Isabel e me pediu que organizasse um grupo em São Paulo, já que eu e meus amigos queríamos participar. Desenhei então um figurino à minha vontade, referente aos velhos carnavais, como pedia o enredo. Optei pelo Pierrô e formei uma pequena ala. A experiência foi incrível. Como cenógrafo e figurinista, montei muitos espetáculos teatrais, mas sempre fiquei nos bastidores. Nessa ocasião e desfilando na avenida, a coisa tornou-se bem diferente, porque eu passava de técnico a personagem vivo dos meus trajes.

Foi necessário cara e coragem, confesso. Porém a cara (minha e dos outros) compareceu quase inrreconhecível, sob a maquilagem branca do Pierrô criada para todo o grupo por Mário Campelo e Roni Brandão, também pintores e também participantes. A coragem veio depois de alguns uísques e pela impossibilidade de voltar atrás depois que se está formado à espera de enfrentar o asfalto. Mas nem seria o caso. O impacto com a iluminação profusa da avenida, o ritmo e a animação da multidão das arquibancadas causam na gente uma impressão inesquecível — porque a emoção vem, vai crescendo e tomando conta desde o momento, algumas horas antes, em que a gente começa a vestir-se e em que se vê os companheiros igualmente fantasiados; ou quando se chega ao local de concentração e se fica observando a preparação da nossa escola e das que irão desfilar antes e depois. O ator deve gozar emoção semelhante nos momentos que antecedem a abertura do pano de boca dos teatros.

O Pierrô foi o princípio de uma nova experiência na minha vida. Como se vê, nunca é tarde para começar e mesmo quando se imagina a maturidade como sinônimo de tranqüilidade, poderá surgir, como aconteceu comigo, uma escola de samba no nosso caminho.

Arlindo Rodrigues deixou Unidos de Vila Isabel; nós o seguimos, vestidos ano passado em traje gaúcho branco e verde e cantando a "Brasiliana" do enredo da Mocidade Independente de Padre Miguel. Para estar de acordo com o texto do enredo, fomos colocados no finalzinho da escola: a última ala antes do carro com a última alegoria. Paciência... Mas nem por isso deixamos de receber muitos aplausos pela nossa animação. Em compensação, neste 1979 iniciamos o desfile: a primeira ala depois da comissão de frente. Fomos os nobres da corte portuguesa da época do descobrimento do Brasil. Claro que portugueses estilizados e sambistas.

*Este depoimento está sendo terminado pouco antes de nossa entrada na avenida, na madruga de domingo para a segunda de carnaval. A escola já está formada. A incrível bateria de Padre Miguel está esticando os couros. Mais um pouco e estaremos na enorme passarela de asfalto. Não importa se lá no fim vamos deixar os nossos trajes de nobres, de príncipes, iemanjás, caciques, baianas suntuosas, navegadores e reis, para retomar a realidade cotidiana é a ilusão da riqueza, do poder, da igualdade, da confiança, da liberdade. Uma ilusão que termina logo, mas que importa? O resto é para ser pensado amanhã. (**Darcy Penteado**)*

●

E as escolas de samba? Para começar, houve a decepção da Imperatriz Leopoldinense; seu enredo sobre Oxumaré, a entidade de candomblé que é seis meses homem e seis meses mulher, foi desperdiçado, pois faltou imaginação ao seu carnavalesco. E nem mesmo a famosa ala de andróginos aconteceu na Marquês de Sapucaí. De qualquer forma, o pessoal guei esteve muito bem representado no desfile, participando de todas as escolas, menos da Mangueira, que, ao contrário do que muitos pensam, não é uma escola tradicional, mas, sim, conservadora, e não admite bichas no seu enredo. Se a gente fosse escolher uma vencedora para o carnaval de 1979, não haveria dúvidas: seria a União da Ilha, a única que não confundiu brilharecos com criatividade. Pobre, ela ensinou que não há limites para a ousadia ao colocar na avenida a mais bela de todas as alas: aquela cuja fantasia era feita de simples bolas de soprar multicores. Seu carnavalesco, Adalberto Sampaio, por este caminho vai muito longe. Aguardem. E vai também um alô para a Unidos de São Carlos, que tinha o maior índice demográfico de travestis na avenida. Cruzes! (Adão Acosta)

Quem é esse povo que está nas ruas ?

A Riotur acabou com o carnaval do Rio. E evidente que o carioca não se diverte mais. Tudo é planejado para que o povo se mantenha distante de qualquer programação oficial, do preço dos ingressos e bebidas ao rígido sistema de repressão montado em todos os ambientes. Quem brinca mesmo é o Prefeito, com seu eterno sorriso alvar, e os convidados que ele mandou trazer do estrangeiro com o dinheiro dos impostos que nós pagamos. Aquelas mulatas que aparecem sambando no Canecão são funcionárias da Riotur. É tudo oficial, até os bigodes do Clóvis Bornay e os pelos que cobrem o corpo do Silvinho.

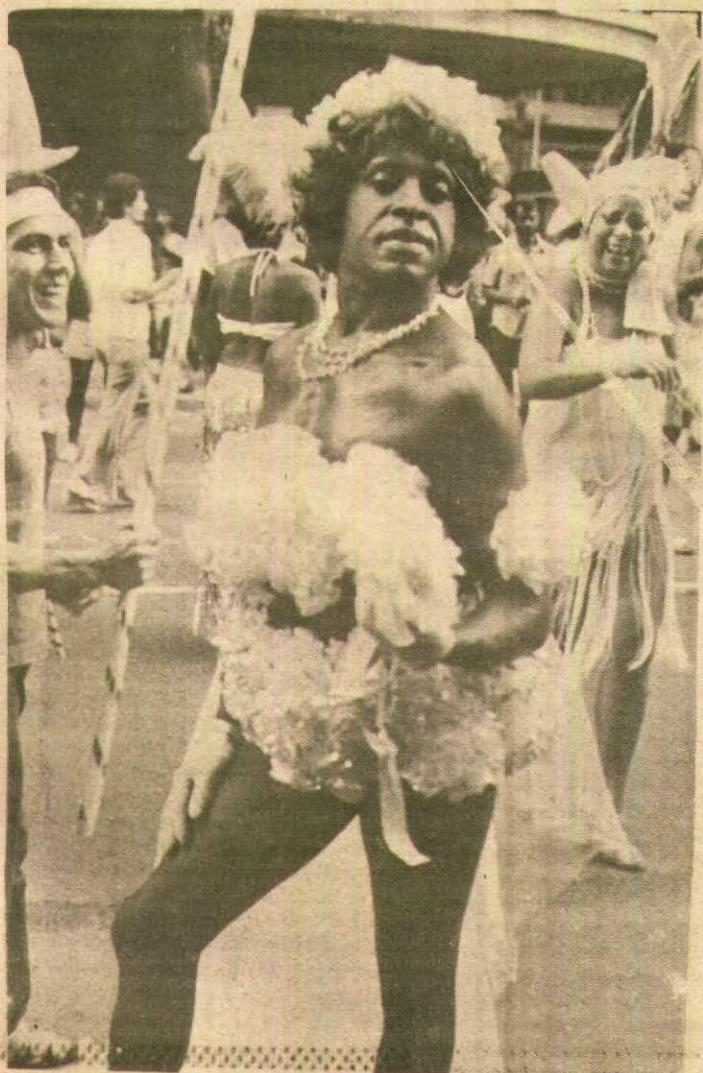
Agora, se algum folião mais renitente comprar no câmbio negro um lugar nas arquibancadas da Marquês de Sapucaí para assistir "a maior festa popular do mundo", tem de se contentar em ver apenas as alas das escolas que desfilam no lado oposto ao local onde se encontra, porque a Riotur ergue barricadas que tiram a visão de metade da pista. Mas o povo não tem mais é que sofrer? Então sofre, bicho. Morre de sede e de vontade de urinar, e de quebra te submete a ouvir aqueles chamados pelo microfone: "Atenção, mecânico, favor consertar o sistema sanitário do camarote do Prefeito". É isso aí. Não há penico que agüente a vazão do "champã" ingerido.

A Cinelândia é um dos poucos lugares do Rio que ainda resiste a essa institucionalização. Ela está agonizando, é verdade, mas resiste. Ali, a partir das 11 horas da manhã se reunem os foliões autênticos. Basta alguém começar a bater com duas latas de cerveja vazias para que eles atendam ao chamado. A Cinelândia é o território livre de "sujos", travestis, mendigos, sambistas aposentados e casais idosos com seus cãezinhos fantasiados. O cheiro no ar é de suor mesmo, não de desodorante estrangeiro. E qualquer um pode entrar nas rodas que se formam defronte do Amarelinho ou nos blocos que fazem curtas circuladas pela Avenida.

Para a Cinelândia desceram também este ano alguns boêmios de Santa Teresa; era um bloco do edifício Equitativa, com seu protesto contra a ameaça de leilão do prédio e pedidos de casa própria. E para coroar a festa popular, os integrantes do Caciques de Ramos colaboraram com suas presenças magníficas, vestidos com a fantasia mais sexy já bolada por um carnavalesco. Eles usam tanga sumária de plástico branco, uma grega na cabeça, e só. Ah, sim, e sandálias bracas também. Quase todos são altos e fortes, uma festa para os olhos. Nenhum travesti, por mais exibicionista ou recatado que seja, resiste ao apelo de sair sambando atrás deles, para onde quer que vão.

Os Caciques, no quadro dos blocos que ainda saem na Avenida, são uma raça à parte. E eles são muitos, graças a Deus, sempre em grupos que parecem brotar do chão. Sua presença este ano insuflou mais alegria e vigor nos habitués do lugar do que toda a presepada bolada pela Riotur com sua banda oficial. E é por isso que o pessoal, todos nós, estamos decididos a erguer na Cinelândia uma estátua áo Cacique anônimo, como uma homenagem ao entrudo do prazer e da cordialidade que estão querendo matar.

Francisco Bittencourt

Fotos de Jorge da Silva

Djalma Santos: nosso homem em Vila Kennedy

Djalma Santos, 47 anos — "conservados em álcool" —, gaúcho de Alegrete, tchê, cidade que ele pretende imortalizar em sua autobiografia em processo, artista plástico, travesti, **showperson**, ex-ovelha negra da família, A.A., filho de Xângo, com a cabeça feita por Mãe Sara de Iansã (de Porto Alegre) e atual feliz residente da Vila Kennedy (do Rio). "Mas não morro sem ir a Paris", insiste ele, porque esse é o seu único sonho de adolescência ainda não cumprido.

"Da vida, diz Djalma, eu só não aceito o ramerrão." É por ter essa concepção que ele tem levado tanta paulada. Exemplo: logo que se formou em Artes Plásticas, foi lecionar numa cidadezinha do interior do Rio Grande, São Lourenço do Sul. Os alunos o "adoravam", mas os pais, logo que descobriram que o professor era, além de negro, bicha, começaram a atacá-lo de todas maneiras. Djalma, como é de seu feitio, resistiu por quase dois anos, fechado no hotel, só saindo para a escola. No final, foram tantos os "castigos" que teve de desistir do magistério. Ele foi até apedrejado em São Lourenço, de acordo com o mesmo código mulçumano que ainda vige, hoje, em países como a Arábia Saudita, que prevê o apedrejamento das adúlteras. (Esse código, aliás, é copiado das leis judaico-cristãs. Na Bíblia, as prostitutas são apedrejadas.) Mas a doce vingança de Djalma foi que transou com praticamente metade da população masculina da hipócrita cidade. E ainda conseguiu ser o paraninfo de uma turma de formandos antes de dar no pé.

Mais tarde, já bem tarimbado, Djalma conquistou a glória em muitas ocasiões no interior de seu Estado. "Para atingir o nirvana não precisei ir ao Tibete nem ler o Kamassutra, bastou-me algumas viagens pelos pampas." Ele lembra os carnavais de Pelotas, freqüentados por caravanas de bichas porto-alegrenses. "Num deles arranjei um grande amor na cidade. As outras bonecas morriam de ódio porque eu conseguia pintar e bordar, conquistar e me divertir. Parece até que foi praga de uma delas o que me aconteceu então: nós estávamos nos beijando numa esquina quando veio um caminhão e me derrubou. Fiquei péssimo, tive de ir para o hospital, onde me deram cinco pontos na cabeça. Foi a maior surpresa pra todos quando apareci no baile, à noite, com a cabeça enfaixada e com meu maravilhoso vestido de noiva, sempre acompanhado do meu amor."

Anos mais tarde Djalma teria outra oportunidade de comprovar que os gaúchos não são os bichos-papões que se apregoam. Convidado por um pai de santo local, ele foi a Uruguaiana para participar de um congresso de umbanda reunindo gente da Argentina e do Brasil. Numa semana, afirma, conquistou a cidade como Samanta, personagem sensual e diabólica em que se transformava ao abandonar o local do Congresso. O ponto alto desses dias acontece numa boate. Samanta dançava **cheek to cheek** há horas com um latagão de botas e bombachas quando este resolveu descobrir que tinha um homem em seus braços. Depois de alguns segundos de perplexidade a razão triunfou sobre o machismo. As palavras do rapaz: "Agora é tarde, vamos em frente." — Ele raciocinou exatamente com eu teria raciocinado, explica Djalma. — Quando quero comer ovo pouco me importa se ele é de galinha, de galo ou de codorna.

DESCOBERTA DA VILA KENNEDY

— Como fui parar na Vila Kennedy? Depois da morte de Décio Escobar perdi meu emprego de vitrinista da Sears. Como eu era o maior amigo de Décio na ocasião, a polícia resolveu que devia ser também o principal suspeito. É a famosa lógica do não tem tu vai tu mesmo. Fiquei preso dois dias, levei muito "telefone" para assinar uma confissão. Quando eu já estava fraquejando, de tanto horror daquelas sessões de tabefes, minha tia apareceu com um advogado e conseguiu me tirar de lá. E àquela altura eles já estavam farejando na pista certa. Sem emprego e meio atordoado comecei a vagar pela cidade. Na Cinelândia encontrei um gaúcho que morava na Vila Kennedy e foi ele quem me levou pra lá.

A mudança de ambiente fez muito bem a Djalma. Ele passou dois anos na Vila Kennedy e logo que chegou começou a trabalhar para o carnaval, numa boa, ninguém se importando com o escândalo do Décio Escobar e com a homossexualidade do novo residente. "Tive até caso com uma mulher", conta Djalma. "Era ela e dois irmãos, numa embolada danada. Sou como Oxumaré, que é seis meses homem e seis meses mulher."

Antes do caso Décio Escobar, Djalma freqüentava a Zona Sul, o ambiente artístico, gente da classe média ou remediada. Tanto em Porto Alegre como no Rio ele era mais conhecido por ter feito a roupa típica de Yeda Maria Vargas, a primeira Miss Universo brasileira. No soçaite, as damas começavam a cortejá-lo para que fizesse seus retratos. Na Vila Kennedy as coisas eram um pouquinho diferentes. "Mas foi só lá que eu comecei a curtir o Rio." Esse período terminou repentinamente na véspera do carnaval de 1971. Djalma foi contratado pelo bloco de frevo dos Vassourinhas para desenhar e confeccionar suas fantasias. Na hora de entregar as roupas, as costureiras da Vila Kennedy não tinham nada pronto. Deu uma briga danada, os Vassourinhas não iam poder desfilar. "Eles queriam me bater. Minha mulher agiu como o homem da casa, me defendeu até quanto pôde. Fiquei com medo e fugi para Porto Alegre."

RECESSO NUNCA!

Muita gente pensou que Djalma ia enfim se aquietar. Mas sua permanência de oito anos em Porto Alegre foi das mais agitadas. Entre um grande porre e outro ele se dedicou a retratar e a fazer exposições no interior. Sua última mostra se realizou na Assembléia Legislativa do Estado. Ele já era filho de Mãe Sara de Iansã. Descalço, cabeça raspada, ao som dos atabaques e acompanhado de Mãe Sara ele entrou no recinto da exposição invocando Xângo. "Depois disso, pouca coisa restava a fazer em Porto Alegre", diz Djalma.

A volta ao Rio deu-se há oito meses. Djalma foi direto para a Vila Kennedy, onde no momento constrói um quarto na casa de Dona Armanda, sua "madrinha". Naturalmente, está "enfiado no carnaval até o pescoço", fazendo as roupas para o bloco Alegria de Padre Miguel e ajudando na Mangueira, preparando uma exposição intitulada "O Mundo do Candomblé", com modelos da Vila Kennedy, pintando retratos do pessoal da Vila a Cr$ 500,00 cada e se preparando para dirigir uma peça no teatro que vai ser inaugurado ali, a convite da COAB. Tem ainda planos de montar um **show**, baseado na autobiografia que está escrevendo. No novo teatro Faria Lima ele vai fazer também uma exposição só de retratos de moradores. Título: "Voltei para rever amigos."

— Tantos planos, tanta atividade... Você é movido a álcool, como o carro do futuro?

— E vocês queriam que eu estivesse no recesso? Isso nunca! O importante é fazer planos, e tentar realizá-los. Já fui convidado também para em março começar a lecionar pintura e desenho no Instituto de Pesquisas de Cultura Negra. Meu livro está quase pronto, quero editá-lo este ano. Estou numa nova fase, muito construtiva, porque deixei definitivamente de beber. Só agora me dou conta que o álcool estava me matando, que todo mundo tinha medo de mim. Desta vez a coisa vai ser diferente.

No livro que Djalma Santos está escrevendo sobre sua vida ele conta em detalhes seus amores, seus pileques, os ataques de autopiedade e as oito tentativas de suicídio. Deve ser um recorde tal número e, como não poderia deixar de ser, em matéria de exotismo também não fica atrás. Na última tentativa ele simplesmente tocou fogo nos cabelos.

— Era uma obsessão. Eu ia acabar morrendo mesmo. O que me salvou foi ter encontrado Mãe Sara de Iansã. A coisa era tão urgente que em um mês eu estava com a cabeça feita. Ah, outro plano meu é oferecer um churrasco para o pessoal do LAMPIÃO na Vila Kennedy. Prometo que vai ter carne de sobra pra todo mundo. (**Entrevista à Alceste Pinheiro, Aguinaldo Silva e Francisco Bittencourt. Texto final: F.B.**)

POEMA DO HOSPÍCIO

Senhor homem,
que terríveis missões me confiaste.
Que cometi de mal noutra passagem
para nesta hora
ser tratado por todos
como um ser ridículo, anormal?
Sim, sei, não sou o primeiro
nem serei o último.
Mas me sinto cansado... fraco,
quase sem forças para continuar
buscando falsos afetos e esperanças inúteis
nos braços de mercenários sentimentais
que só se aproximam de mim
para destruir qualquer ilusão.
Não há dúvida, Senhor homem,
que sou algo delicado e precioso em tuas mãos.
Sei também
que os valores com que me gratificaste
me foram dados para te glorificar.
Portanto, Senhor homem,
me proporciona uma visão real da vida
e o poder de abrir todas as portas de minh'alma,
de derrubar estas paredes que me sufocam.
Quero respirar a verdade que vem de ti, Senhor,
essa verdade que através de séculos
continua encerrada em templos inacessíveis.
Senhor, Oxalá, meu Oxalá divino,
alento, esperança, fé,
vem em meu socorro.

Djalma Santos

Nictheroy Dancing Gays

A experiência vinha cercada de expectativa: tudo indicava que desta vez Niterói iria deslanchar e deixar cair de vez. Anunciava-se a primeira noite "muito entendida" do Gay Disco Clube, na Filadelfia Discotheque, na praia de Piratininga, que é suficientemente bela, discreta e acolhedora para acirrar os ânimos da moçada. Tinha sido vendido um número adequado de convites para o tamanho da casa, e todos os demais ingredientes que compõem os bailes-shows tipo discoteca estavam bem misturados e distribuídos nos seus devidos lugares: para o pessoal mas nostálgico pouquinha coisa, havia mesinhas dispostas ao ar livre, de frente para o mar sob um luar francamente de endoidecer.

Enfim, havia várias opções, inclusive para fazer aquilo em que vocês estão pensando, mas faltava o principal: gente em número suficiente. E isto dificultava muito tanto a pegação quanto a animação dançante propriamente dita, numa casa capaz de abrigar tranqüilo, tranqüilo, umas trezentas pessoas, reduzidas nesta noite a pouco menos de cinqüenta. E a freqüência era apenas de gente do Rio. Gente de Niterói podia-se contar nos dedos. Como sempre acontece nessas ocasiões, o pessoal dito entendido não prestigia festas ou quaisquer acontecimentos gueis feitos na cidade.

Para usar do velho lugar comum, teríamos que dizer que eles não se assumem, mas a explicação não parece asssim tão fácil. Na verdade, e isto não só quanto à fechação do pessoal entendido, mas em relação a tudo, os niteroienses de há muito se acostumaram a tudo ir buscar, ou fazer, no Rio — que conserva até hoje, para os interioranos de todo o país e não só de Niterói, aquela imagem de cidade encantada onde todos os sonhos se realizam. E assim esta cidade que teima em se manter provinciana e encolhida no seu complexo de inferioridade em relação ao Rio continua sendo um dos grandes centros "produtores" de homossexuais do país (aqui, no antigo Estado do Rio, Campos é outro páreo duro), um pessoal que se assume sim, e manda ver adoidado, mas sempre do lado de lá da baía, segundo a velha ótica de que santo de casa não faz milagres. Quanto ao pessoal que veio do Rio — e a maioria dos compradores de convites era carioca — compunha-se de habituais e já saturados freqüentadores das superlotadas boates de entendidos de Copacabana, como o "Sótão", o "266 West", a velha "La Cueva" e outras. E o seu comportamento era exatamente o mesmo observado nas pistas dessas boates — ou seja: o mais solto e livre possível, inclusive por parte dos pares de mulheres.

Mas as expectativas ouriçantes desta que se anunciava uma grande noite de badalação recaíam especialmente na lista de nomes divulgados antecipadamente, pessoas mais ou menos famosas que não vieram ou se perderam no caminho, porque as indicações para se chegar a Piratininga não são de animar a quem não tenha faro de detetive. Contava-se com a presença da Bijou Blanche, mulheríssimo travesti do elenco das "Mimosas até certo ponto", que, tudo indica, seria a rainha da festa; e com o Darcy Penteado, mais o Amândio, discotecário do Regine's, o figurinista Sorensen, o Cauby Peixoto, a Rogéria e o Silvinho. E ainda a presença de nada mais nada menos que um conde, adequadamente chamado Peter Nijinski, que deve ter perdido as sapatilhas e cansado a beleza lá dele na busca do caminho que conduz à paradisíaca mas quase inacessível praia de Piratininga.

A festa marcou a criação do primeiro Gay Clube surgido na cidade, destinado a reunir para bate-papos bailarinos, discotecários e pegação da pesada mesmo, toda a patota de entendidos do Rio e de Niterói, sem distinção de sexos ou outras quaisquer. As reuniões festivas serão sempre na primeira quinta-feira de cada mês, no mesmo local. A idéia, ainda meio embrionária, é de criar um clube, com sócios com carteirinha como outro clube qualquer, mas que, em vez de fechado, seja, ao contrário, fechativo, estimulando a entrada francamente liberal de todos os demais interessados não-associados. Noutra palavra: bofes, minha gente, que foi o que menos teve e o que mais fez falta neste primeiro ensaio do Gay Disco Clube. Mas, como diria o Antônio Bivar, o começo é sempre difícil, vamos tentar outra vez, Cordélia Brasil (**Carlos Alberto Miranda**)

Negros, mulheres, homossexuais e índios nos debates da USP:

Felicidade também deve ser ampla e irrestrita

O pessoal da Universidade de São Paulo foi quem quis: organizaram uma semana de minorias e tiveram que suportar, em seu auditório, uma multidão de negros, mulheres e homossexuais a apregoar que a felicidade também deve ser ampla e irrestrita (os índios, infelizmente ausentes, foram representados pelos seus procuradores habituais — os antropólogos da boa escola). LAMPIÃO esteve lá todos os dias, conferiu e atesta: as "minorias" não estão mais a fim de continuar sendo o último vagão desse enorme comboio denominado "luta maior".

Mais de 300 pessoas ocuparam o auditório. A maioria participou do debate.

A mesa, no debate sobre homossexualismo. A partir da esquerda: Glauco Mattoso, Alfredo, Trevisan, o Prof. Cândido Procópio, do Cebrap, o representante do Diretório da USP, Emanoel e Ricardo Piva.

A oportunidade era boa demais para ser desperdiçada. Os estudantes da USP queriam saber o que os homossexuais, como grupo minoritário e discriminado, estavam fazendo para a sua emancipação. E assim, durante três horas, cerca de 300 pessoas debateram o assunto com os seis componentes da mesa: João Silvério Trevisan e Darcy Penteado, representando **Lampião da Esquina**; três integrantes do grupo **Somos**, provavelmente a primeira tentativa de organização dos homossexuais de São Paulo em torno de seus objetivos comuns; e ainda o poeta homossexual-proletário Roberto Piva, autor de diversos livros.

Esta reunião foi uma série de surpresas para todo mundo; para os homossexuais, houve a novidade do convite à participação na discussão, o que talvez torne essa data de 8 de fevereiro histórica. Afinal, não se tem lembrança de um debate tão livre e polêmico sobre um assunto que as autoridades policiais e grande parte da sociedade brasileira ainda consideram tabu. Depois, teve o choque do plenário e até de integrantes dos outros grupos minoritários convidados (negros, mulheres e índios) que nunca tinham ouvido falar dessa nova militância guei e perguntavam-se perplexos como podiam estar desinformados a respeito e os objetivos de tudo isso.

O mais surpreendente, porém, foi a intensidade do debate (a maior parte do tempo a mesa expositora foi simplesmente ignorada, sendo discussão direcionada pelo pessoal do plenário, homossexuais ou não) e a confirmação de que os pontos de vista já levantados por **Lampião** e o grupo **Somos** sobre o posicionamento político do problema homossexual estão muito mais difundidos do que se pensa. Logo no início da discussão, quando já se tentava enquadrar o movimento guei na ótica da esquerda, alguém no plenário tomou a palavra e disse: "Eu vou dizer agora o que metade desse auditório esta sequiosa para ouvir. Vocês querem saber se o movimento guei é de esquerda, de direita ou de centro não é? Pois fiquem sabendo que os homossexuais estão conscientes de que para a direita constituem um atentado à moral e à estabilidade da família, base da sociedade. Para os esquerdistas, somos um resultado da decadência burguesa. Na verdade, o objetivo do movimento guei é a busca da **felicidade** e por isso é claro que nós vamos lutar pelas liberdades democráticas. Mas isso sem um engajamento específico, um alinhamento automático com grupos da chamada vanguarda".

A partir daí a discussão incendiou-se, mesmo porque, durante a apresentação do grupo **Somos** um de seus integrantes, Alfredo, havia afirmado que a repressão aos homossexuais existe tanto nas ditaduras de direita como nas **democracias** européias, enquanto nos países de regime socialista as poucas informações que existem a respeito mostram que o quadro não é muito diferente. A opinião foi calorosamente contestada pelo poeta Roberto Piva, para quem não existe repressão nos países do bloco socialista: "Em Cuba, em, Moçambique, nas nações do Leste Europeu existe a maior liberdade sexual. O que acontece é que esses elementos homossexuais não conseguem ascensão na hierarquia do partido, o que é até bom porque assim eles não se tornam uns burocratas".

As diversas tendências do movimento estudantil da USP também fizeram questão delavar um pouco de roupa suja, resolvendo em público as diferenças que dividem Caminhando, Refazendo e **Liberdade e Luta**. Um deles, fazendo questão de ressaltar a sua não-homossexualidade (embora após a reunião tivesse procurado esse repórter para queixar-se de que os outros estudantes dizem que ele "não dá porque é um cara reprimido") exaltou-se quando suas opiniões sobre a moral do **homem novo** que vai surgir após a revolução proletária foram contestadas e desabafou: "Se não for para a gente caminhar juntos, então eu quero que os homossexuais vão à p.q.p." Vaias, apupos e xingos seguiram a observação. O auditório quase veio abaixo.

O preconceito que se manifesta na esquerda ficou demonstrado pelo depoimento de uma estudante, que informou ao plenário sobre a existência de um trabalho preparado pela Escola de Comunicação e Artes da USP (a famosa ECA), intitulado "A ausência do homossexualismo na classe proletária". A piada foi recebida com o que se esperava: muitos risos. E outra estudante foi ainda mais clara: "Nós precisamos acabar com essa palhaçada. Enquanto a esquerda se divide, a direita se fortalece. O importante é a liberdade, que inclui o direito de cada um ir para a cama com quem quiser. E eu quero aqui trazer a denúncia de que as chamadas vanguardas (malditas sejam!) fazem o maior patrulhamento sexual na faculdade de Filosofia da USP".

Mas quem verdadeiramente roubou o espetáculo foi aquele rapaz do começo (um dos muitos homossexuais que compunham o plenário, desconhecido para a maioria do pessoal), tomando a palavra por diversas vezes, criando polêmicas e definindo claramente suas posições: "Não adianta querer envolver a nossa problemática em termos de política. Trata-se de um problema específico, que atinge a um determinado número de pessoas de características diferenciadas. Eu, particularmente, acho que é muito mais válido mostrar para aquele pessoal **pintoso**, as bonecas da zona boêmia, a sua condição de homossexual, a opressão que os atinge diretamente, do que chegar até eles com papos culturais e politizados sobre os movimentos de emancipação do proletariado. É lógico que muitos homossexuais já têm uma posição política definida, e já devem estar engajados nessa luta mais ampla. Mas acredito que, nesse momento, a ação política mais conseqüente é mostrar à imensa maioria dos homossexuais o estado de alienação em que eles estão, e mostrar isso como um igual. Nunca como um intelectualzinho com o rabo cheio de cultura, mas como um ser com o mesmo tipo de problema e necessidade de libertação".

Ele também foi autor de conceitos que poderiam ser tranqüilamente encaixados em qualquer tratado de filosofia guei, tais como: "O problema de qualquer revolução é saber quem vai lavar a louça depois"; e sobre a visão moralista da religião: "A Igreja também precisa acabar com esse negócio de ficar jogando água benta no .. ★.. dos homossexuais".

De uma forma geral os resultados dessa reunião foram aceitos imediatamente, como verdade incontestável. Ninguém duvidou dessas colocações, o que prova que setores importantes da sociedade já estão conscientizados a respeito. Depois, pela descoberta dos homossexuais de que já há um grupo onde eles podem trabalhar e organizar-se — o grupo **Somos**, que saiu praticamente da casca com essa primeira oportunidade de vir à luz.

Na apresentação do histórico da existência desse grupo, Emanuel, um dos seus integrantes que fez parte da mesa, explicou o que tem sido feito em praticamente um ano de atividades, e as possibilidades que se abrem em termos de uma atuação cada vez mais profunda junto aos homossexuais, principalmente agora que um número maior de pessoas interessadas está procurando participar. **Somos** é formado por seis subgrupos, com atribuições específicas, e espera-se que em médio prazo consiga solucionar alguns de seus problemas básicos, como a ausência de mulheres e negros em seus quadros. Na opinião de Emanuel, isso é mais uma prova da situação de opressão, pois a barra realmente pesa muito mais para as mulheres e negros homossexuais, discriminados também por características biológicas e de cor da pele.

Apesar das contradições levantadas durante o debate — houve até gente dizendo que as bichas têm preconceito contra os esquerdistas, que também são uma maioria discriminada (sic) — a conclusão geral foi de que a marcha pela liberdade — social, racial, sexual — é uma só. Cada grupo minoritário deverá unir-se, organizar-se com seus integrantes, lutando por uma democracia de fato no Brasil. Só assim se conseguirá a tal felicidade, ampla e irrestrita, para todos.

Eduardo Dantas

Quem tem medo das "minorias"?

"Finalmente a Universidade de São Paulo entrou no século XX", gritava alguém com euforia, no final de uma semana ondese debateuO **Caráter dos Movimentos de Emancipação** — expressão eufemística para designar a luta dos grupos discriminados no Brasil: negros, mulheres, índios e homossexuais, especificamente. Aceitando ou não o melancólico atraso de quase oitenta anos, a verdade é que a USP foi tomada pela aragem de ventos novos. Bem ou mal, os vários grupos discriminados apresentaram ali suas ansiedades, desejos, reivindicações, protestos. Mas foi na noite de 8 de fevereiro, sem dúvida, que a afirmação dos discriminados atingiu seu ápice, quando os homossexuais manifestaram publicamente sua identidade de grupo social, rompendo a barreira da invisibilidade a que são obrigados. Na verdade, pela primeira vez no Brasil as lésbicas e as bichas tomaram seu espaço e vomitaram coisas há muito engasgadas; o prazer, por exemplo, foi reivindicado entre os direitos da pessoa humana, com alusões concretas inclusive ao prazer anal como direito de cada um sobre o próprio corpo.

A semana encerrou-se com uma mesa-redonda da qual participaram representantes de vários grupos, lamentando-se, porém, que os índios só tenham estado presentes através de antropólogos e de um padre do CIMI. O auditório da Faculdade de Ciências Sociais lotou diariamente, apesar do período de férias escolares. Ficou evidente já desde o primeiro dia a polarização política dos debates; de um lado, grupos de estudantes e profissionais brancos professando sua fidelidade à luta de classes, na linha tradicional da esquerda ortodoxa, que dá prioridade ao fenômeno econômico. E de outro lado, os representantes de grupos discriminados, afirmando a originalidade de sua problemática, de suas críticas e suas análises, absolutamente não abrangidas na luta de classes mas nem por isso menos transformadoras da sociedade. Dois métodos de análise se chocaram, com certeza.

"LUTA MAIOR"

Os grupos discriminados (ou estigmatizados, ou minimizados) conseguiram apresentar seus pontos de vista, recusando-se a aceitar sua luta como "secundária" diluída na falsa imposição de uma "luta maior". Já de saída, os negros(reunidos no Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial) exigiram um espaço a si próprios e às análises específicas de sua problemática, na medida que sua autodeterminação ideológica e sua identificação racial/cultural significam elementos primordiais no enfrentamento ao racismo. Ao lado dos homossexuais, foram eles os críticos mais coesos à esquerda tradicional, branca e machista, que em nome de ideologias progressistas acaba acentuando sua descaracterização cultural e ditando-lhes regras de bem-agir.

Evidentemente, os negros receberam insistentes acusações de estarem provocando divisionismos. Mas nem por isso deixaram de falar; aliás, jamais vi os negros brasileiros falando de si mesmos com tamanha consciência. Também é verdade que os representantes da esquerda mais ortodoxa foram abandonando o salão à medida que sentiam a determinação dos negros em não se enquadrar nas análises prontas que pretendiam diluir sua luta. Não duvido que a recusa em dialogar com os negros enquanto negros já implicava, ali, numa atitude discriminatória básica; pode-se dizer que houve, ao vivo, testemunhos eloquentes (e inadvertidos) de racismo por parte de setores brancos esquerdistas.

Aliás, no debate sobre feminismo, esses mesmos setores evidenciaram, desta vez, uma postura machista e patriarcal — é ainda mais fácil escamotear os problemas das mulheres ... A discussão tornou-se particularmente espinhosa porque havia divisões entre os próprios grupos de mulheres presentes à mesa — as mais ligadas ao Movimento do Custo de Vida, p. ex. desconheciam os critérios feministas e pertenciam a extratos mais proletários. Diante disso, instalou-se uma lamentável dicotomia: a representante do jornal **Nós mulheres** foi — exatamente por reivindicar autonomia para o feminismo — acusada de pequeno-burguesa e condenada ao inferno ideológico.

Também nesse caso, a atitude defensiva de certos esquerdistas evidenciou suas fobias diante do novo e seu fundamental sentimento de culpa enquanto classe — quase todos ali tinham as mesmas raízes pequeno-burguesas. Seu populismo digestivo ficou patente quando uma mulher da periferia — presente à mesa de trabalho e com toda certeza católica pouco receptiva a teses feministas como "direito ao aborto" — deu testemunho público de sua fidelidade incondicional ao marido, aos nove filhos e às tarefas caseiras; a platéia "progressista" aplaudiu com entusiasmo, inconsciente de seu próprio machismo e da postura essencialmente conformista dessa mulher.

Enquanto isso, as feministas ali presentes afirmavam a condição de dupla exploração da mulher proletária, cujo trabalho caseiro é utilizado gratuitamente pelos patrões, para baratear a mão-de-obra masculina. É evidente também que problemas como sexualidade, reprodução e socialização da educação infantil não se restringem às mulheres das classes médias — exatamente porque trata-se de questões comuns. Daí, as feministas reivindicarem autonomia para a luta e organização das mulheres, na medida que o não reconhecimento dessa autonomia retorça sua marginalidade e tende a colocá-las politicamente em segundo plano.

Nesse sentido, um dos maiores equívocos da platéia "esquerdista" foi exatamente recusar o status de luta política tanto ao feminismo quanto aos demais grupos discriminados — falava-se em simples "discussão existencial", num evidente tom de descaso. As feministas reafirmaram corajosamente que, mesmo recebendo a solidariedade dos homens, são as mulheres que devem conduzir sua luta, sem esperar o advento de uma revolução social; ou seja, sua luta extrapola a mera luta pelo advento de uma sociedade socialista (sem classes); seus problemas ultrapassam os limites do capitalismo na medida que a estrutura patriarcal não é privilégio dos regimes burgueses; basta, por ex., constatar a ausência de mulheres entre as lideranças dos países socialistas.

UM AVANÇO

Acredito que nessa semana, e sobretudo em 8 de fevereiro, setores da esquerda tradicional podem ter sofrido um avanço considerável na compreensão da realidade brasileira. Ao mesmo tempo, os grupos discriminados avançaram politicamente: apossaram-se do seu espaço e provocaram uma rediscussão do fechado conceito de revolução, abrindo dúvidas sobre a condução desse processo. Ficou claro, por exemplo, que as maiorias não existem senão enquanto abstrações manipuladas pelos detentores do poder, sejam eles de direita ou de esquerda. A "maioria" está sempre composta de inumeráveis e contraditórias minorias cujos problemas reportam-se às individualidades que são sempre — e felizmente — particulares e irrepetíveis. Nesse sentido, é falsa a contraposição maioria/minoria, geral/específico, prioritário/secundário, econômico/cultural — na medida que as análises e estratégias devem passar sempre por esses conceitos, de forma não-excludente.

Um detalhe da mesa: Glauco, Alfredo (do grupo Somos), Trevisan, Cândido Procópio e o representante do Diretório Acadêmico de Ciências Sociais da USP

Por isso, parece-me que a contribuição mais original que os grupos discriminados podem trazer para uma transformação social é exatamente essa afirmação das especificidades individuais e grupais, contra todas as tentativas de mascarar e negar as diferenças. Daí, propõem também uma crítica ao autoritarismo especulativo e metodológico, inclusive em relação aos setores auto-denominados progressistas.

Se o fator luta de classes não abrange a problemática dos grupos equivocadamente chamados de "minorias", deve-se acrescentar a ele novos instrumentos de análise. Sobretudo na questão da sexualidade é que se evidencia a insuficiência de certas posturas ortodoxas: como, na verdade, explicar a questão sexual através de um mero fator econômico, sem minimizá-la? Por ser uma questão altamente vigente em nossos dias, é urgente examiná-la sem dogmatismo. Como dizia, no auge dos debates, uma bicha "enragé", de mãos nas cadeiras: "Está bem, faz-se a revolução; e depois, quem vai lavar os pratos?"

A luta dos grupos discriminados é, sem dúvida, uma luta da maioria, pois as especificidades concernem à maioria. A sociedade como um todo tem que ser responsável por cada uma de suas partes; entre outras coisas, pelo machismo, racismo e sexismo que oprimem os grupos discriminados; em outras palavras, os problemas particulares só existem, enquanto problemas, em relação ao contexto social que os provocou. Por isso também a acusação de separatismo é falsa. Foi o que as bichas e lésbicas gritaram em 8 de fevereiro: separatista é quem não aceita a participação das individualidades, para além das fórmulas preestabelecidas. São inúmeros os exemplos de recusa sistemática que muitos setores de esquerda têm diante dos homossexuais, por ex., escamoteando o problema e relegando à obscuridade esse dado pessoal de tantos companheiros seus.

MINORIAS?

A própria palavra "minoria" mereceu contestação enquanto definição aplicada aos grupos discriminados, pois já carrega em si uma idéia de coisa secundária, não-representativa, menos importante. Mesmo porque o critério quantitativo é discutível: as mulheres, por ex., compõem mais de 50% da humanidade. Depois, as classificações à base de uma mera enumeração estatística podem resultar insuficientes e inexatas: **negro** é apenas o preto retinto ou os vários tons de mulato? Se a homossexualidade se caracteriza socialmente por sua invisibilidade, como saber quantos homossexuais existem no Brasil?

Acima de tudo, quem consagra as definições são os donos do poder; os brancos, machos e heterossexuais naturalmente tenderão a defender-se, chamando a si mesmos de maioria. E, como no sonho democrático acaba-se criando a ditadura da maioria, associa-se sempre o majoritário ao normal. Daí ser feia a negritude, doentia a homossexualidade, bárbara as culturas indígenas e burras as mulheres. Mas, como dizia Gore Vidal, se normal e certo for aquilo que a maioria faz, então a masturbação seria a mais perfeita forma de sexualidade, ganhando de longe à atividade heterossexual, entre a população.

Em resumo: a definição de "minoria" já denuncia uma repressão implícita na própria designação, que minimiza a importância social dos grupos atualmente discriminados. Acredito que convém começar pelas bases da opressão: destruindo as definições consagradas pelo sistema.

Os debates ocorridos na USP abriram brechas nas velhas posições. Quem presenciou as discussões e participou da explosão de solidariedade dentro, por ex., do grupo homossexual sabe que as coisas podem começar a tomar novos rumos. Estavam eufóricos tanto os negros, bichas, lésbicas e feministas quanto os brancos heterossexuais sensíveis que compreenderam a importância histórica dessas discussões, para ruptura das posições dogmáticas. Quem quis e pôde, tirou dali uma proposta libertária concreta, os vários grupos sociais têm o direito de determinar sua própria luta, de baixo para cima, sem centralismos nem imposições hegemônicas que ditem o que as múltiplas esquerdas deste país devem fazer ou não. Descobrimos saborosamente a riqueza da diversidade. Isso, espero, continuará sendo tema das discussões no Comitê dos Grupos Discriminados, que se formou para intercomunicar suas especificidades e buscar a elaboração de uma possível política conjunta.

Ou se aceita o potencial contestador dos grupos discriminados ou historicamente este país estará vivendo mais um equívoco. Não convém a gente esperar a revolução para começar a lavar os pratos. Isso em si já significa uma aceleração do processo transformador.

João Silvério Trevisan

Mulheres: política deve começar dentro de casa

(Este texto serviu de base à exposição verbal feita pela autora, representante do jornal "*Nós Mulheres*, durante a semana dedicada ao Caráter dos Movimentos de Emancipação — daí seu tom coloquial. Ele teve o efeito de uma verdadeira bomba, suscitando polêmica sobre a contribuição original dos grupos chamados minoritários à transformação social.)

Tentarei fazer o histórico do jornal **Nós Mulheres** não factualmente, mas a partir de como evoluiu a concepção de feminismo que norteia a perspectiva do jornal.

Quando **Nós Mulheres** surgiu, embora houvesse muita receptividade expressas nas cartas de apoio e no fato de que o jornal vendia bem, havia também muito preconceito contra um jornal que se afirmava feminista (estou falando dos setores progressistas). Ouvíamos muito: "Essa é uma questão secundária"; "é divisionista"; "o principal é lutar pelo socialismo"; além da acusação de que "feminismo é coisa de pequena-burguesia".

Contávamos, então, com essa apreensão que resultou em uma atitude de certo modo defensiva. Procurávamos nos explicar, nos justificar. Quase pedíamos desculpar por sermos um movimento específico e não geral. Afirmávamos sempre a vinculação do movimento feminista com a luta social mais ampla, dizendo que o socialismo era condição necessária, mas não suficiente, para a emancipação da mulher — o feminismo como parte da luta pelo socialismo, não sendo possível o fim da discriminação da mulher sob o capitalismo. Privilegiava-se então a mulher trabalhadora, na medida que sobre ela recai uma dupla opressão, de classe e de sexo. A questão do trabalho tornou-se central no jornal, e era colocada através de entrevistas, depoimentos de trabalhadoras etc...

As discussões internas do grupo — e principalmente os contactos com grupos organizados de mulheres do centro e da periferia, nas comemorações do Dia Internacional da Mulher (8 de março) — foram colocando novas questões, que nos fizeram perceber uma certa limitação na perspectiva em que estava sendo feito o jornal. Ou seja: o problema da mulher não se restringe à criminação no trabalho; melhor ainda, a dis-

criminação no trabalho tem a ver com a situação geral da mulher na sociedade. Não que essa idéia não estivesse presente no jornal, desde o início. Estava; mas na prática, privilegiou-se a questão econômica: subordinou-se a perspectiva sexual à perspéctiva de classe. Falava-se mais da operária do que da mulher. Muitas vezes, passamos por cima do fato de que somos um movimento específico, cuja perspectiva de classe está dada na medida que afirmamos — como condição fundamental para a emanciapção de qualquer grupo social discriminado — que as pessoas devem ter o controle de suas próprias condições de existência.

Questões como a sexualidade, a reprodução biológica, a socialização das crianças e tudo o que isso engloba, embora consideradas pontos centrais da opressão da mulher, foram deixadas em segundo plano. Principalmente porque existia a falsa idéia de que estas questões eram problemas só da mulher de classe média. Várias pesquisas e as próprias entrevistas dos dois jornais feministas (**Brasil Mulher e Nós Mulheres**) provam que isso não é verdade, mas ainda assim surgiu a questão se o jornal deveria voltar-se para a mulher de classe média ou para a trabalhadora.

Tratando-se de feminismo (luta **específica** contra a opressão da mulher), eu acredito que a questão é falsa, quando assim colocada. Não ignoramos que cada mulher vivenciará sua especificidade de acordo com sua situação de classe; ao contrário, partimos disso. Mas o feminismo não se define, como pensam muitos, por ser uma luta pela igualdade (assim como a de nenhum outro grupo discriminado); trata-se de uma luta pela afirmação das diferenças, sem que elas sejam motivo para desigualdades sociais. Busca-se então não só a igualdade **social** entre o homem e a mulher, mas a identidade da mulher **enquanto mulher**, conforme é hoje oprimida. Nesse sentido, o feminismo trata das questões que são o denominador comum entre nós: aquilo que é comum à mulher de classe média e à trabalhadora. De outro modo, estaríamos negando a própria existência de um jornal feminista feito basicamente por mulheres de classe média.

O feminismo impõe-se como uma luta contra um tipo de autoritarismo, que vem de uma sociedade há milênios baseada em padrões masculinos. Ou seja, à mulher são relegadas as tarefas secundárias. Ao fato natural da reprodução biológica, acrescenta-se toda a esfera doméstica e a educação das crianças como o universo "naturalmente" feminino. Não há mulher que escape do estigma de ser "mãe-esposa-dona-de-casa". Questões como a dupla moral sexual (e a prostituição que daí decorre), os métodos anticoncepcionais, o aborto, o estupro, etc. são inegavelmente problemas comuns a todas as mulheres, e sempre relacionados à sua opressão.

É justamente na tentativa de recuperar a identidade da mulher que o feminismo se coloca essencialmente como uma luta contra o autoritarismo de uma ordem social que discrimina não apenas a mulher, mas também outros grupos sociais (os negros, os índios, os homossexuais). A luta dos grupos discriminados veio trazer nova dimensão à militância de esquerda; ou seja, a luta pelo socialismo implica na luta contra toda e qualquer forma de autoritarismo. Estamos trazendo a política para dentro de casa, para o questionamento das relações interpessoais. E isso é uma grande contribuição.

Cynthia Sarti

Pioneiros do movimento guei: as questões científicas e teóricas

Grande parte da história dos primeiros movimentos de defesa dos direitos dos homossexuais está concentrada em torno dos debates de problemas científicos e teóricos. Em todo o século XIX ocorreram intensas lutas geradas entre os velhos tabus e o desenvolvimento da ciência. Os primeiros geólogos, sociólogos, evolucionistas darwninianos e outros cientistas foram pressionados violentamente por fanáticos defensores do cristianismo e da ordem estabelecida, sendo rotulados de "hereges", "anormais" etc... Todavia, em que pese tal reação, as ciências seguiram seu rumo e, desta maneira, desafiaram as "eternas verdades morais" da mortalidade teológica.

O primeiro escritor a tratar objetivamente do tema da homossexualidade foi Ulrichs. Sua maior contribuição foi derrubar o dogma do silêncio. O que antes fora "um pecado horrível que não podia ao menos ser mencionado entre os cristãos" tornou-se um tema aberto à discussão e avaliação livres.

Muitas das idéias de Ulrichs são, hoje em dia, de pouca atualidade, especialmente sua noção de homossexualidade como algo congênito, sua visão de que os homossexuais representavam uma variedade independente do ser humano ("uranistas") e que o homossexual masculino possuía "uma alma feminina num corpo masculino". Evidentemente que o ponto de vista de Ulrichs era demasiado idealista. Seu esquema não tinha contato com a realidade (1).

Mesmo que seus conceitos fossem equivocados, tornaram possível o abandono das velhas noções de pecado, depravação e morbidez. A homossexualidade, para um uranista, era tão natural e saudável como a heterosexualidade para um homem "normal". Sobre esta estrutura era possível rebelar-se contra a crueldade das leis que perseguiam um tipo de homem pelo simples fato dele ser diferente. E, dado que tudo era congênito, não havia a menor ameaça à "normalidade" dos heterossexuais. Ainda que as idéias de Ulrichs tenham hoje em dia perdido a relevância histórica, dotada de disciplinas mais correspondentes como a antropologia, a biologia, a zoologia, a psicologia, a sociologia e a investigação estatística, não podemos deixar de considerá-las, mesmo porque marcaram por longo tempo, uma penetração — principalmente na literatura médica — ideológica e na maneira popular de pensar.

OUTRO IDEALISTA

Richard von Kraft-Ebing utilizou muitas das idéias de Ulrichs em sua "Psycichopathia Sexualis", que foi o primeiro **best-seller** sobre o sexo. Kraft-Ebing considerava a homossexualidade, somada a todos os desvios sexuais, um resultado da degeneração hereditária do sistema nervoso central. Seu sistema de classificação para os homossexuais era elaborado e idealista como o de Ulrichs. Como elemento positivo, podemos dizer que Kraft-Ebing modificou, posteriormente, seus pontos de vista sobre a homossexualidade enquanto enfermidade; tendo apoiado a emenda para que o parágrafo 175 (2) fosse abolido. Suas histórias clínicas proporcionaram valiosas informações a psicólogos posteriores, especialmente a Sigmund Freud.

Magnus Hirschfeld desenvolveu o conceito de "Zwischenstufen" sexual, ou estados intermediários, dividindo com Ulrichs a noção de que a homossexualidade representava uma variação humana inata. Foi inclusive mais além de Ulrichs ao considerar que o corpo dos homossexuais consistia em um ponto sexualmente intermediário. Por influência das concepções de Hirschfeld, o "Anuário do Comitê Científico e Humanitário" chamava-se "Anuário Para Tipos Sexuais Intermediários, e Especialmente para Homossexuais".

As idéias de Hirschfeld, entretanto, não eram aceitas por todos os integrantes do movimento guei. Em 1907, quando o grupo liderado por Benedict Friedlander afastou-se do Comitê Científico e Humanitário, o fez principalmente devido às diferenças de caráter científico. Friedlander considerava que as teorias de Hirschfeld bloqueavam o movimento, tendo declarado: "Temos o caminho traçado no sentido de uma avaliação do amor homossexual menos dogmática, mais aberta e correta".

A teoria dos "Zwischenstufen" foi duramente criticada por Friedlander como sendo "degradante, ditatorial e humilhante... Carente de simpatia". Friedlander também ridicularizou o conceito "de uma pobre alma feminina carente de um corpo juvenil, e de um terceiro sexo". Insistiu para que se realizasse um exame histórico que também levasse em conta as evidências antropológicas; e escreveu: "Um simples exame através das culturas anteriores ou posteriores ao cristianismo é bastante para mostrar a enorme inconsistência dessa teoria (dos "estados intermediários". Especialmente na Grécia clássica, quase todos os chefes militares, artistas e pensadores, deveriam, a partir de tamanho absurdo, ser considerados como "hermafroditas psíquicos".

BISSEXUALIDADE

Friedlander recusou firmemente as distinções que certas autoridades idealistas faziam entre homossexualidade "verdadeira" e "falsa", dizendo: "É incompreensível que possa haver na homossexualidade algo **falso**", antecipando, ainda, o conceito de Kinsey do contínuo sexual. Considerou que a bissexualidade era a mais elevada forma de condição humana. A morte de Friedlander, em 1908, como que eliminou a validade revolucionária das suas contribuições. Hirschfeld, ao tomar conhecimento dela, no anuário de 1908, não manifestou nenhum sentimento, nenhuma tristeza. Com receio de que os gueis fossem acusados de "doutrinação para o homossexualismo", qualificou injustamente a teoria da bissexualidade de Friedlander como "uma forma de fazer o jogo do inimigo".

De qualquer maneira, a partir de 1910 Hirschfeld foi bem menos sectário, mostrando-se mais aberto à perspectiva histórica, tornando-se cada vez mais anticlerical, atacando os inimigos "da concepção sexual teológica", embora nunca tendo chegado a abandonar completamente sua noção de homossexualidade como algo congênito. Suas propostas, em 1903, foram autênticos esforços de pioneirismo, por mais antiquadas que possam parecer-nos, em nível atual das leis estatísticas e das técnicas de investigação desenvolvidas. Além do mais, a importância de Hirschfeld no comando do "Instituto de Ciência Sexual" e da "Liga Mundial para a Reforma Sexual", compensa, vantajosamente, qualquer falha ou omissão em que tenha incorrido.

Na Inglaterra é obrigatória a menção de dois escritores. O primeiro é Sir Richard Burton, tradutor das "Mil e Uma Noites". Seu "Epílogo" (3) sobre a pederastia, publicado no volume 10 da referida obra, no ano de 1885, constitui poderosa defesa do amor homossexual, na qual Burton coloca seus vastos conhecimentos históricos e antropológicos, além de observações pessoais da África.

A obra básica de Havelock Ellis, "Estudos de Psicologia Sexual", alcançou grande êxito, imensa influência mesmo, pela grande quantidade de informações variadas — históricas, antropológicas, casos concretos exemplificados e outros dados. Ao ser publicado o volume sobre "A Inversão Sexual", em 1898, Ellis foi imediatamente processado, tendo seu editor pago elevada multa (4).

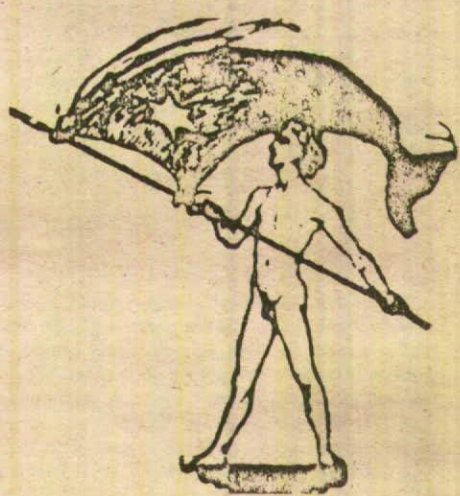
(Este ensaio é o primeiro de uma série sobre as lutas de emancipação sexual, destina-se ao melhor equacionamento dos movimentos de libertação ampla, e deverá aparecer em forma de livro, em breve, pelas Edições Mundo Livre. Traduzido por Nélson Abrantes, do livro "the Early Homossexual Rights Movement", de John Lauritsen e David Thorstad. As notas são do tradutor).

(1) Na vida real, por exemplo, os indivíduos podiam ir desde o comportamento heterossexual ao homossexual, e vice-versa; além disso, os homossexuais masculinos nem sempre eram de aparência feminina, nem as lésbicas de aparência masculina. Para resolver tais contradições, Ulrichs viu-se obrigado a montar um sistema de classificação tremendamente complexo, quase metafísico. Os homens ficavam divididos em três categorias: a) o homem normal ou "Dioning", chamado uranóide ao adquirir tendências uranistas; b) Uranistas, e c) Urano-dionings, os nascidos com capacidade para amar em várias direções.

2) Parágrafo do código penal alemão, cuja característica exclusiva previa severas punições para os homossexuais.

3) Da vasta carga de informações contidas no "Epílogo" a respeito das formas pelas quais outras culturas praticavam e exaltavam o amor homossexual, qualquer leitor relativamente inteligente poderia captar a justeza e o equilíbrio situados ao nível da orientação. O "Epílogo" terminava com um forte ataque aos censores britânicos. A atitude do próprio Burton encontra-se refletida em duas frases latinas do penúltimo parágrafo: "Nas coisas da natureza não há corrupção" e "Para o puro todas as coisas são puras".

4) A partir de então várias provas vão se acumulando, seja em termos antropológicos, históricos, psicológicos, zoológicos, além dos estudos de Kinsey — que permitem escrever, sem nenhum tipo de dúvidas, que a homossexualidade é um componente básico do animal humano. Nela nada é negativo; não sendo oposta nem indisposta à heterossexualidade. O comportamento homossexual se manifesta devido ao sadio potencial humano — seu ponto de partida —, e não por existir hermafroditismo físico ou psíquico, desequilíbrio hormonal, infâncias desgraçadas, depravação, decadência social, ou qualquer tipo de "explicação" das que somos quase que obrigados a ouvir pela palavra dos padres, psiquiatras e familiares.

O que é necessário explicar não é a homossexualidade, e sim as barreiras existentes para combatê-la através de perseguições várias. Estruturalmente falando, o preconceito anti-homossexual é parte do código de moralidade sexual judeu-cristã e, com exceção do zoroastrismo (religião da antiga Pérsia), a repressão anti-hossexual limitou-se às culturas sob a influência direta da judaico-cristandade.

Bixórdia

A pequena notável (e venenosa)

Quem sabe da vida de Carmem Miranda é Aracy Cortes. As duas se comiam vivas, naturalmente para saber quem era mais bicha do que a outra. Aracy inclusive tem uma certa razão de queixa, pois veio antes de Carmem e praticamente abriu caminho para ela e para todas as cantoras brasileiras que vieram a seguir, pois inaugurou um estilo de cantar não operístico que não havia na música popular brasileira. Simplificando as brigas entre as duas, não se pode deixar em brancas nuvens, porém, o fato de que a ida de Carmem para os EUA para se apresentar na Feira da Indústria de Nova Iorque — a chamada grande chance — foi graças a uma descomunal fofoca de Carmem pra cima da Aracy, que era amante, na época de um Ministro comprometido com o governo do Washington Luís. Esse foi o argumento que Carmem usou para tirar Aracy da jogada. Taí um pequeno aspecto da personalidade "brejeira" de Carmem Miranda, sempre tão decantada que dá pra desconfiar. Aliás Carmem, se viva fosse, estaria fazendo agora 70 anos. Certamente com o mesmo jogo de mãos.

A querida Lisa Minelli chegou ao Rio muito sorridente mas pedindo pelo amor de Deus que as bichas não a assediassem muito no Baile dos Enxutos, onde ela pretendia ir para ferver com seu novo caso. De 1974 para cá, desde que ela esteve aqui, muita coisa deve ter mudado para a querida Lisa, porque a pessoa mais máscula que privou então de sua intimidade foi Lennie Dale. Ou será que agora ela estava apenas defendendo o seu Marco Gero dos possíveis ataques dos enxutos? Tudo é possível e ela deve ter razão, porque o Marquinho, apesar de toda a exuberância de "su sangre latina" não me engana. E eu sou pior do que detector de aeroporto para metais: boto o olho num cristão e digo logo se ele é falso brilhante ou não.

O Troféu Pinóquio, que a revista **Isto É** concede todo mês de dezembro à pessoa cujo nariz cresceu mais nos doze meses anteriores (em 1978 o ganhador foi o futuro governador de Minas Gerais, Francelino Pereira) já tem, desde, janeiro, seu virtual vencedor para 1979: a cantora Gal Costa. Perguntada sobre os **boatos** de que transaria com mulheres, ela exclamou, indignada: "Que absurdo!" Acho que LAMPIÃO devia instituir o troféu Odara e premiar Gal Costa como a "heterossexual do ano"...

Mário Chaves, a Marisa, anunciou pelo telefone, aos brados, sua disposição de processar nosso jornal, porque nós divulgamos o seu apelido "Caveira". Segundo ele, isso vai prejudicar de modo irreversível sua carreira artística. É o tipo de comportamento que se espera de Marisa. Afinal, como nós dissemos no texto sobre ele (vide LAMPIÃO nº 9), trata-se de uma **divida**, *de uma estrela, e a estas tudo é permitido. Mesmo processados continuaremos amando você, Marisa.*

Quem leu o título da nota principal desta coluna — "a pequena notável (e venenosa)" — e pensou num certo poeta gaúcho, de trânsito fácil nos corredores oficiais do Rio e Brasília, errou. Mas errou por pouco.

O problema da penetração em festas *— O melhor carnaval é o que o carioca improvisa na rua e em festas particulares, antes dos quatro dias oficiais. O baile à fantasia (pedia-se fantasia infantil, mas houve de tudo: índio, cigana, apache) que se realizou a 17 de fevereiro num apartamento do pacato Bairro Peixoto é bem um exemplo. Ferveu até às quatro horas da matina e quase fez ruir o prédio da Praça Edmundo Bittencourt. O som era uma mistura de sucessos antigos, lançamentos carnavalescos e música de discothéque. Só houve um incidente com um penetra, que quis dar uma de macho-man e foi posto para fora aos tapas por um dos donos da casa. O infeliz desceu a galope os três lances de escada do prédio, com o nosso anfitrião (fantasiado de Juquinha) nos calcanhares. Os penetras são almas solitárias mas chatas, sempre querendo comer a ameixa do pudim dos outros. O problema está se tornando tão sério no Rio que há festas onde praticamente não existem convidados, só penetras. Elas depois aparecem nas colunas sociais com o nome de* ***open house.***

Atenção Ivan Lessa: o teste da goma nós vamos fazer em você, viu?

TENDÊNCIAS

o filme

Cinema feminista ou novo messianismo?

A questão feminina já ultrapassou o âmbito dos debates intelectuais fechados: atualmente atinge desde os sindicatos e grupos partidários até os meios de comunicação e os temas quotidianos. Sem dúvida, essa discussão vem cada vez mais questionando uma prática social baseada em padrões masculinos, e milenarmente consagrada na história humana. É natural, portanto, que comecem a surgir, no campo da criação artística e ficcional, obras que aproveitem a onda. Têm chegado ao Brasil certos filmes que, pelo menos, refletem tal questão. É o caso, por exemplo, de **1900** e **Um dia muito especial.** Mas nenhum deles ainda tinha colocado seus personagens como agentes da luta feminista. Até que em **Duas mulheres, dois destinos** a diretora Agnés Varda apresentou as duas personagens centrais engajadas nessa militância específica.

Trata-se da história de Suzanne — que sofre as agruras do matrimônio, com dois filhos órfãos — e de Pauline, mais jovem e inicialmente avessa ao compromisso matrimonial. Seus caminhos muitas vezes divergem, outras se cruzam. Pauline percorre a França, integrando um grupo de cantoras feministas; Suzane abre um centro de orientação para mulheres. O afeto e a amizade entre ambas se mantêm vivos através de uma assídua correspondência, que é utilizada para elemento estrutural do filme, buscando apresentar o universo feminino como problemática e linguagem próprias.

A maternidade, a contracepção, o aborto — temas fundamentais para se pensar a questão feminina em nossos dias — constituem o núcleo do filme. Acabaram, entretanto, esvaziando-se. No afã de realizar uma obra participante, Agnés Varda adotou uma postura simplista e perigosamente ingênua. Talvez por ser demasiado liberal, aquilo que se propõe ser uma abordagem subjetiva do universo feminino, visto pela sensibilidade de uma mlher, acabou se transformando na transcrição do óbvio. As canções que Pauline compõe e canta são um bom exemplo; referem-se sempre à mulher, exaltando aquilo que lhe é mais específico: a maternidade, o óvulo, o útero, a gravidez; mas a abordagem vem inteiramente despida de sensualidade e emoção. Tem-se a impressão de que as canções ilustram um manual de medicina infantil sobre o aparelho genital feminino.

Não parece fácil determinar as razões dessa simplificação. Por um lado, o tema se debilitou porque o universo feminino apresentado se restringiu ao mundo artificial da classe média; os problemas infra-estruturais de Suzane e Pauline são resolvidos como no toque de varinha mágica. As situações críticas, por outro lado, aparecem de tal modo desvinculadas do contexto social que seu potencial contestador fica neutralizado. Isoladas, essas situações acabam tornando-se compatíveis com a ordem estabelecida.

A partir daí, os personagens perdem a riqueza de suas contradições. Cria-se então uma estrutura semelhante à da fotonovela: a trama e os personagens respondem de maneira positiva a esquemas predeterminados; no caso, a novidade é que o pano de fundo se pretende revolucionário, graças aos personagens contestadores. Quer dizer, muito embora a intenção aparente seja justamente a ruptura com formas de comportamento estereotipado, as situações fluem sobre um leito previamente construído; a estrutura do filme trai seu propósito inicial, e o que era pano de fundo (a militância feminista) torna-se a espinha dorsal, transformando o meio em mensagem; os personagens tornam-se meros bonecos que ilustram a trajetória pré-estabelecida pela autora.

O filme se resolve então como uma equação matemática. As situações moralmente não-convencionais (recusa ao casamento, prática do aborto, independência feminina etc.) encerram-se num mundo fantasioso criado de encomenda e evitam as relações de conflito com o mundo exterior. Assim, tem-se uma proposta ingênua que lembra muito a "revolução hippie" dos anos 60. Em resumo, a questão feminina acaba sendo abordada de uma meneira impressionista, reduzindo o feminismo a uma postura voluntarista, transformando a militância feminista num estilo de vida exótico, sobretudo para quem vê de fora e não é iniciado.

Nesse mundo cor-de-rosa das mulheres, os personagens masculinos tornam-se também adocicados e se reduzem a sombras dentro de um pretenso matriarcado; basta lembrar o marido iraniano de Pauline e o jovem pai solitário que o grupo de cantoras encontra na estrada. Mesmo os eventuais comportamentos machistas não chegam a criar situações de conflito que permitam a discussão do problema; parecem tão naturais como se fossem apêndices do mundo das mulheres; é bem o caso do primeiro marido de Suzanne, o que se suicida, e o segundo marido, o doce médico. Resultado: ao invés de uma afirmação crítica do que é ser mulher, passa-se a uma exaltação dos papéis femininos consagrados, transformando a mulher essencialmente numa abelha-rainha.

Tudo termina num previsível happy-end pretensamente revolucionário, onde o matriarcado instala-se vitorioso e resolve todos os problemas num passe de mágica. A última cena do filme lembra exatamente uma foto de álbum-de-família, onde todos cantam uma felicidade que parece eterna e imóvel; Suzanne casou-se com o doce médico e Pauline conseguiu um segundo filho, só para si; ambas, felizes para sempre. Através disso, o casamento e a maternidade não apenas saem ilesos como são inteiramente recuperados, da forma mais romântica. Aquilo que poderia ter sido uma importante reflexão sobre o significado da maternidade e sobre a relação homem-mulher acaba reforçando os papéis tradicionais da mulher enquanto mãe e esposa.

É muito comum, entre grupos ditos progressitas, reduzir-se a revolução à transformação econômica e política, minimizando a importância de uma transformação cultural e da felicidade no plano afetivo-sexual. Agnés Varda aparentemente se insurge contra essa postura — e aí estaria o grande interesse deste seu filme —, buscando juntar o político e o pessoal. **Duas mulheres, dois destinos** pretende afirmar sem medo a legitimidade do prazer e da felicidade, enquanto elementos ligados a uma busca individual. Seus personagens principais não estão preocupados em responder a grandes programas político-dogmáticos, o que é um desafio neste tempo em que os atestados ideológicos gozam de tanto prestígio.

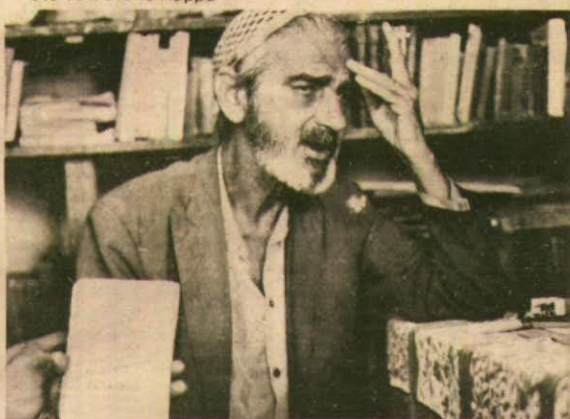
Mas, paradoxalmente, a própria Varda acabou por escolher o caminho convencional dos filmes supostamente políticos: o universo "positivo" dos personagens, banhados num otimismo subjacente, retira da realidade todas as suas arestas. Ocorre então uma espécie de ideologização indireta, pois ao fazer a apologia de um feminismo róseo o filme ressuscita o mito do Paraíso na terra. Ou seja: ele cai na vala comum do messianismo, onde morrem todas as pretensões subversivas dos filmes ditos engajados.

Duas mulheres, dois destinos é exemplo de como qualquer movimento de liberação paga tributo ao Sistema a partir do momento em que se torna moda. Venha de onde vier, o modismo (forma de dogmatismo) conduz ao equívoco consumista. Sem dúvida, não é esse o caminho que desejamos aos movimentos ligados a grupos discriminados. Preferíamos que tivessem uma função instigadora e fornecessem elementos originais para análises do real. E não que se tornassem novas cartilhas doutrinárias, cheias de promessa messiânicas e demagógicas.

DUAS MULHERES, DOIS DESTINOS (L'une chante, l'autre pas): Produção de 1976, França/Bélgica/Curaçao. Roteiro e Direção: Agnés Varda. Elenco: Valéria Mairesse, Thérèse Liotard.

Cynthia Sarti e João Silvério Trevisan

Antônio Fraga contra os "quiquiriquis"

Foto de Savério Roppa

Antônio Fraga (Foto) é um escritor brasileiro que está a merecer, como o Jean Genet de *Saint Genet, commedién et martyr*, um Jean-Paul Sartre que lhe dedique um estudo de 600 páginas. Ninguém tem dúvida sobre o fato de que sua novela "Desabrigo", publicada em 1945, é uma das obras-primas de nossa literatura moderna. Mesmo assim, ela permaneceu desconhecida desde então, sem que nenhum editor se decidisse a relançá-la, até que Nélson Abrantes, das Edições Mundo Livre, topou a empreitada, ano passado. "Desabrigo" surge mais moderna e chocante que nunca, e agora Antônio Fraga, de sua casa no distrito de Queimados, em Nova Iguaçu, ameaça os bons modos da nossa literatura com dezenas de originais inéditos — uma obra completa que nos foi escamoteada nestes trinta e poucos anos.

O mesmo Nélson Abrantes acaba de lançar *Moinho e*, um poema dramático que Fraga perpetrou, e que é de um ritmo infernal. Antônio Fraga: este é — e me desculpem pela expressão tão gasta — nosso verdadeiro e único escritor maldito. Quem não reza pela cartinha daqueles que João Antônio chama de quiquiriquis têm a obrigação de connhecê-lo. Por enquanto, o que a gente tem a oferecer sobre ele é este depoimento pessoal de Sérgio Santeiro, leitor recente de "Desabrigo". Mas vocês não perdem por esperar: LAMPIÃO e Fraga estão para se encontrar há muito tempo (*AS*)

O escritor, de certo modo, é o que se põe a fazer de conta que conta o mundo que vê. Apenas com um feixe de palavras reproduz a impressão que o mundo lhe causa, permitindo que se tenha, concreto, o texto, testemunho da criação possível no tempo em que viveu. A literatura que fica, por mais que nos enganemos a respeito, é a que narra o tempo que a gera. A que dá conta do eterno passar e repassar da vida pelas mesmas esquinas. Pode fazê-lo certamente por mil e quinhentos modos e mais quinhentos que surjam a cada instante. Estará no mundo narrado em sua grandeza e em sua pequeneza; no mais rebuscado dos labirintos e na mais crua evidência direta. Tudo é possível desde que se faça e desta forma fique como referência do que a seu tempo foi possível ser feito. A arte é pura forma mas não é forma pura. Os elementos tirados do mundo e que a compõem geram uma articulação original, um contato entre partes antes distantes agora postas em confronto.

O romance de Antônio Fraga, "Desabrigo", ressurge desse seu passado pelas mãos do editor Nélson Abrantes, que publica pela Edições Mundo Livre em 1978 a sua segunda edição. A primeira saiu pelas Edições Macunaima em 1945. Os estados novos vão e vêm. A coincidência de tempos enseja o comentário. Há tempos que requerem especialmente o abrir das linguagens. O fazê-las mais próprias e capazes de revelar-nos de novo o mundo encoberto por densas nuvens, e por tanto tempo que a função da linguagem tem de ser reaprendida depois de todos os palavrórios com que se espera esconder o real. Até que o real de tão contido explode, as palavras explodem e querem significar o mais concreto, o mais imediato, o isto é isto e mais isto, de novo.

Tanto faz que a evidência da vida não seja o que queríamos. Precisamos é dizê-las, a ela. Quem quiser o belo, o épico, o nobre que faça um mundo à altura. E pra lá se evada. A contundência da linguagem que diz o que está para ser dito é um dos instrumentos do artista do texto, como Antônio Fraga que o tece eruditamente com ponteios e referências, no que hoje se vulgarizou no que a cultura acadêmcica chama de **metalinguagem.** Por mim prefiro a versão cabocla, antropofágica, a **métalinguagem**, é mais o caso, exemplo do descalabro que sempre pinta quando se ergue a ponta da saia do mundo.

"Desabrigo" é uma volta ao mundo em tôrno de si mesmo. Num relance a estória se desfia e o fim do fio, certamente como em todo jogo de armar, é o começo. O fim da literatura é o começo, o postar-se o cidadão diante a uma branca folha de papel, e nela ditar os contornos do mundo em que vemos e vivemos. Mesmo que não vire moda ou medalha, a função do autor é permitir que mais tarde o mundo se rearticule para nós pelos depoimentos e retratos e ganhe assim um sentido maior que continue a iluminar as estradas para os passantes dos tempos vindouros.

A leitura hoje de "Desabrigo" repõe o tijolinho que faltava na nossa construção. Constitui um elo de passagem da modernidade até nossos dias, a nos garantir que o ressurgimento da linguagem não se fará por alto que se ponha o pé, maior o tombo, mas por baixo que se meta a vista. Não é a literatura esperançosamente grande que mexe o mundo, é a pequena, a de todo o dia, a colcha de retalho dos significados da vida, rápida, aos saltos, todos misturados. Mas, num ótimo. O autor dubla-se e dribla-se em vários momentos do seu curso, pára pra conversar com um poste mas... veja-o lá, é preciso lê-lo, e descobrir-lhe o gostoso gosto da narrativa satisfeita com o gole.

A vida que narra, o mundo que recria é de soltar a língua. Poder descrever é tomar todas as liberdades. Botar o mundo de fora no de dentro — a palavra. E dá-la a quem não a teve. "Que falem e pontifiquem" — através da arte de Antônio Fraga — "os malandros, os analfabetos, as prostitutas e a ralé mais baixa".

Mas isto sem as pretensões do verismo e sem a moral dos dominantes, uma visita com um olhar expressionista em que se descobre a vida por um fio como numa partida de box, num jogo de futebol ou numa peça de teatro.

Ao fim do relato, a interessante iniciativa do editor em recolher um acervo de expressões e gíria usadas pelo autor permite-nos não só o desvendar por completo a riqueza coloquial do texto como avaliar sua importância na nossa língua falada de hoje, pelo que ficou e pelo que deixou de ficar. Muito a propósito observava o Fraga recentemente numa entrevista que a palavra popular morre e nasce outra logo que lhe botamos as mãos.

Sérgio Santeiro

CARTAS NA MESA

Fabíolo Dorô ataca outra vez

Lanterninhas (viu como vocês foram rebaixados de posto?): sem brigas:

1) Discordo de que Shere Hite seja tão feminista quanto Kissinger é pacifista. Miss Hite fez um trabalho muito sério, profundo, consciente e denso. Talvez a maior obra do gênero neste século. Quanto às mulheres, desde a criação dos mundos, eu acho que elas tinham vontade de berrar tudo o que se deturpava sobre elas. Chegou a vez de enfim pôr-se as coisas em pratos limpos. Shere merece respeito; vocês estão assumindo a mesma posição daquele psiquiatra (...) que, quando S.H. falou "o orgasmo feminino é um ato político", levantou e bradou chauvinisticamente: "não sei em que o orgasmo de **minha** mulher é um ato político" (o grifo é meu). Afinal, se vocês forem homens conscientes (...) têm de ver que a moça tá certa e está na dela muito bem.

2) Discordo de vossa "linguagem revolucionária" quanto à publicação de fotos de nus (...) no jornal. Primeiro, vocês estão sendo primariamente incoerentes: quem foi que disse que **Lampião** não ia utilizar ser humano algum como objeto sexual, nem se este ser humano fosse mesmo o Pedrinho Aguinaga? Fui eu? Pois é. Segundo, não vejo nada de revolucionário em transformar homens em objetos sexuais. Copiar os padrões de quem transforma a mulher em um O.S., apenas colocando o homem no lugar dela, não deixa de ser um forte ressentimento machista, aliado a um enorme complexo de culpa. Quanto às fotos dos nus de estátuas, esteticamente é lindo, mas qual é a do jornal nessa? Cobrir páginas que poderiam vir com coisas mais urgentes? Dar colírios aos masturbadores de banheiro? (Não tenho nada contra eles, fique claro.) Foi por isso que não se viu no último Lampião as poesias e a literatura?

3) O jornal último estava legal, eu achei interessante o ângulo com que vocês observaram os índios. O que não gostei, e com isso vocês nada têm a ver, foi o modo com que eles (os índios) vêem o homossexualismo. Já repararam que só se permitia ou só se via nas tribos homossexualismo do tipo **bofe e rainha?** De homem pra homem ou mulher pra mulher, muito "naturalmente", não saquei.

As cartas estavam ótimas. Vocês calaram a boca com a do bailarino, ham! Pois é: no mais, vocês continuam sendo os adorados do meu coração. Beijos procês do sempre.

Fabíolo Dorô — Salvador.

R. — Fabíolo, querido e fiel missivista de **Lampião:** Você ainda vai se dar mal com esta sua moralização 24 cartas por número. A universal reação (veja neste número a carta de Valentino) ao injusto "gorila" de que você acoimou seu enigmático irmão já tem a esta altura a solidariedade de todos os editores do seu mensário favorito. Mas desta vez você exagerou. Para começar pelo fim, numa releitura de nosso material sobre os índios você vai poder notar que o que mais sentiram os diversos observadores foi exatamente o caráter descompromissado, alegre e prazeiroso com que eles (os índios) encaram a sexualidade, livremente vivida (na insistência no contato físico caloroso) até nos instantes de camaradagem pura e simples. Veja todo o depoimento de Darcy Ribeiro, a citação de Levi-Strauss sobre os nhambiquara e seu "amor mentira", etc...

Com perdão pela pretensão, não vamos também negar que seja até certo ponto "revolucionário" mostrar no Brasil, hoje, belos corpos masculinos endereçados, como tais, a olhos não menos masculinos: ou você acha que nós só temos o direito de admirá-los nas praias ou em certos anúncios enfatuadamente ambíguos? Infelizmente tem parecido mais seguro a **Lampião** mostrar as belas coxas sem as respectivas cabeças, por questões de "segurança" (ou seria de costumes e boa moral?). Mas ainda que mostrássemos Mr. Aguinaga da cabeça aos pés não o estaríamos fazendo de objeto sexual: além de discutir este conceito superdesgastado no contexto de nossa sociedade (e dos homossexuais dentro dela), é preciso lembrar que para a maioria dos leitores de **Lampião,** como para nós, o **frisson** de ver uma bela arquitetura viril só é superado pelo de saber que certos valores de uma possível "cultura" homossexual brasileira estão sendo estampados em jornal vendido nas bancas (e catalogado na Censura Federal). Vamos ser mais soltos e curtir a nossa?

Quanto à senhorita Hite, houve um mal entendido: a matéria de Chiquinho Bittencourt no nº 7 reza: "Fique portanto bem claro aqui que não critico a posição feminista de Shere Hite — guerra é guerra — e que este meu relato pretende ser, antes de tudo, uma visão bem humorada do comportamento da socióloga nos seus aparecimentos em público." É isso aí: o livro é indispensável, apesar de proibido aqui, mas o **public relations** da autora é às vezes tão estapafúrdio e confusionista quanto a atuação do pai da diplomacia aérea.

Poesia e literatura, ausentes temporariamente pelas famosas razões infra-estruturais, começam a voltar nesse número (leia o conto de João do Rio).

Delícias da Zona Franca

Dar-lhes os parabéns pelo nível do jornal, congratular-me pelos artigos, elogiar os nomes que dele fazem parte é cair no lugar comum. Mas é preciso dizer (e aqui caio no lugar comum de que fugi uma linha acima) que coragem há de sobra. Fôssemos todos corajosos como esse grupo aí (sem conotações pejorativas), ninguém teria coragem de debochar ou achincalhar quem não seguisse os padrões ditos normais, resultantes de u'a moral judaico-cristã.

(...) Por que vocês não fazem uma reportagem com Manaus? Já ouviram falar das badalações desta cidade? Venham ver "in loco", e aqui chegando passeiem pelas avenidas Eduardo Ribeiro e 7 de setembro, tomem chope no Lobo's, batam um papo no Bate-Papo's, choparia e bar, respectivamente, curtam o magnífico Alexander feito pelo seu João no Mady's Bar (térreo do Hotel Amazonas), principalmente nos dias de sábado à noite (isto é, iniciando os embalos). Outro ponto onde a passagem, ou permanência, é obrigatória é a Praça da Polícia. À exceção das duas avenidas, a abordagem nos outros é segura, mas deve ser cautelosa. Há, ainda, duas discotecas onde se pode conseguir belos espécimes, se bem que sejam locais não declaradamente gays: Crocodilo's e Boite dos Ingleses. Sim, e finalmente o Patricia Bar, cujo nome já diz tudo. Nele o único perigo são as ocasionais brigas diárias. Então, Manaus não seduz?

É, ainda voltarei a contactar vocês. Por ora, um grande beijo em todos. Especialmente no Trevisan.

Stavros — Manaus.

R. — **Trevisan e toda a galera, efetivamente seduzida, agradecem, inclusive pela reportagem que você simultaneamente sugere e faz. E gostoso ter confirmação, de viva voz, de que os manauenses têm espírito público e disposição civil para cultivarem carinhosamente tantos lugares de lazer em comum: que vossas abordagens sejam cada vez mais emocionantemente cautelosas. Quanto à coragem de nosso grupo, Stavros, ela é uma alegria justamente porque grupal, e, esperamos, cada vez mais, comunal, nacional, universal: Hurra, ao Bi, ao Tri, ao Multi-sexy! Aliás, Stavros, a partir deste mês LAMPIÃO está sendo vendido em todas as bancas de Manaus.**

Um concurso de beleza?

Queridos, é maravilhoso saber que temos o apoio e a luz de um jornal tão sério, que cumpre na íntegra o seu propósito de esclarecer e orientar aqueles que ainda não têm a conscientização do "poder guei". Não aquela "gueíce" desajeitada e desajustada que é idealizada pela sociedade esmagadora, mas essa "gueíce" que todos temos dentro de nós, que é a nossa própria vida. Um jornalzão destes merece cinco estrelas. (...)

Quanto às reportagens, estão todas excelentes, principalmente aquelas sobre os crimes homossexuais, que servem para os mais desavisados que aceitam a companhia de qualquer um que se pega nas esquinas. (...)

Não vou deixar de dar meus chiliques aqui, e pra começar lá vai um recadinho para o irmão do Fabíolo, o Luís Dorô: Luizinho, não dê ouvidos nem confiança ao Fabíolo, pois o que ele sente é inveja de você, pois você tem uma cuca maravilhosa, e o que é melhor, consegue jogar em vários times nesse campeonato da vida; e não só a Rafaela Mambaba, mas eu também quero conhecê-lo pessoalmente, tá?

E você, Fabíolo, vê se pára de ficar implicando com o seu irmão, viu? "Gorila" é você.

Bem, crianças, voltamos a nós. Depois de minha bronca lá com o baianinho, quero dar umas diquinhas. A primeira é sugerir uns **flashes** sobre a sexualidade do lindíssimo Mikail Barishnikov (...). Ele é realmente um tesão, não concordam? E o que eu queria saber é se o "Misha" é "Bisha"... Outra coisa: porque vocês não organizam um concurso de beleza guei? Seria ótimo, todos e todas iriam participar (os mais bonitos, né, é claro). (...)

Bem, fofos, espero que me desculpem pelas futilidades, e saibam que acima de tudo vocês têm um aliado. (...)

Abraços fortíssimos,

Valentino — Rio.

R. — **Obrigado, cara, e continue escrevendo e nos dando notícias (afinal, os leitores de** Lampião **é que devem fazer cada vez mais, também, o jornal, que existe justamente em função do que "vai pelo mundo"). Quanto à beleza e à sexualidade: as do Barishnikov pertencem a todos enquanto ele está no palco (ou em fotos) e somente a ele quando vive a sua vida, não é mesmo? as do povo bonito de nossa terra estão em cada rua e cada praça, e talvez por isso mesmo a idéia de um concurso que as homenageie não pareça tão urgente, ficando de qualquer forma submetida à apreciação geral. Escrevam.**

O sol queima e faz bem

Felizmente tomei conhecimento de vocês e infelizmente só no número cinco, mas deu para sentir o trabalho que vocês vêm realizando na tentativa de conscientizar-nos das coisas e do nosso direito de viver a nossa vida à nossa maneira, sem interferências e proibições. (...)

Vocês já viram o Repórter deste mês (fevereiro)? Era algo assim que esperava de vocês, mas não tem problema, pois foi um dos menores que abordou o assunto e está tudo bem, né? Outra coisa: se vocês resolverem fazer também tamos aí.

Só agora entendo o baixo astral de vocês no último número, estava todo mundo chateado. Mas, como vocês falaram, tá todo mundo jogando com vocês, e aliás muito mais e melhor do que vocês pensam. E ninguém está pensando em deixar cair nada. Vejam: este número eu comprei dia cinco e hoje, dia sete, já acabei de ler e deu para sentir que o moral de vocês já subiu um pouco.

Espero que continuem assim, que não se deixem abalar por críticas, pauladas, pedradas e outras porradas quaisquer pois tomaram um barco e têm que comandá-lo até o fim desta viagem que é abrir os olhos e a cuca de muita gente que não tem nem consciência de si mesma e de seus direitos e por isso se esconde sob uma porção de véus. Digam para essa gente jogar fora a peneira que esse sol queima e dói mas não mata; que o homossexual é gente e como tal precisa viver, mas isso ele só conseguirá depois que se aceitar como eu me aceito e me respeito acima de tudo e vocês também.

Beijos indiscriminados.

Neli — Rio de Janeiro.

R. — O astral, Neli, depende menos das circunstâncias do que da nossa maneira de encará-las, como você sabe. Por mais que insistam, a gente sabe que não está cometendo nenhum crime contra o que quer que seja: os costumes e a moral quem faz é a sociedade viva, refletida em seus jornais, inclusive, e não os representantes da lei afogados em códigos superados. Pode deixar que a peteca vai ficar no ar e o Sol se cuida de derreter qualquer peneira. Quanto ao *"Repórter"* deste mês, veja nesse número a opinião de Leila Miccolis.

A tragédia é contestada

A propósito do último número do **Lampião**, discordo do título do ensaio "Gay-macho, uma tragédia americana". Não vejo nenhuma tragédia no fato de um cara ser guei e cultivar uma imagem masculina, embora, como vocês mesmos disseram, na cama faça o que lhe der na cabeça e portanto não seja um reprimido sexual.

É uma questão de opinião, mas pra mim muito mais doentio e chocante é o cara dar uma de bicha louca, que é sempre uma figura que serve de palhaço para os ditos "normais", e que por vezes na cama são cheios de bloqueios. Não vejo por que o cara, pra gostar de homem, tem que dar uma de boneca, cheio de ai, ai, e chamando todo mundo de queridinha... Ser uma caricatura grotesca de mulher, uma maricona, isso sim é que é uma tragédia!

Espero que vocês não fiquem putos comigo, mas esta é minha opinião sincera a respeito do assunto. Uma boa reportagem sobre os índios e o ensaio "Bacanal do Esbanjamento".

Bola pra frente, pessoal. Um abração,

Mauro Luiz — Rio.

R. — **Olha, Mauro, se chega realmente a ser** uma tragédia o mundo dos rapazes de couro e aço dos EUA, é o que nós não sabemos (nem decretamos): veja a interrogação do título. Mas que esse culto obsessivo da aparência máscula tem lá seus pés de barro parece que ficou evidente no ensaio de Seymour Kleimberg que reproduzimos. Quanto aos desmunhecamentos sobrenaturais, Lampião ainda vai publicar alguma coisa que tente esmiuçar o fenômeno como manifestação psicossocial (ou policial, se for o caso), mas sempre se reservando o direito de defender até a última lantejoula o projeto (ou a falta de cada um) de pisar no mundo como sabe melhor.

Psicologia ou patrulhamento?

A gente teve que invadir o espaço habitualmente reservado às cartas para dar esta notícia "de última hora": o Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação e Cultura está decidido a modificar o currículo mínimo dos cursos de psicologia, para "evitar que se agrave ainda mais um estado de coisas realmente inquietantes, notadamente em domínios como crime e delinqüência, tóxicos, suicídios, deterioração das relações familiares, abuso de crianças, alcoolismo, desvios sexuais, desvios ideológicos e terrorismo, etc..." Quer dizer, o MEC está querendo transformar os psicólogos em patrulheiros, numa espécie de tropa avançada de defesa das obsessões do sistema. Notaram a sutil mistura de crime, delinqüência e tóxicos com "desvios sexuais" e "desvios ideológicos"? A Associação de Psicólogos Profissionais do Rio de Janeiro não apóia a modificação do currículo, e vai realizar reunião, neste mês de março, para decidir de que modo irá combatê-la.

Classificados sem caráter

VENDO coleção quase completa do Pasquim (Faltam cerca de 20 números). Propostas para a Caixa Postal do LAMPIÃO, dirigidas a Odilon.

VENDO uma coleção da revista Senhor, primeira fase. Cartas com propostas para a Caixa Postal deste jornal.

Os crimes das crianças

João do Rio

Mas é assombrosa a proporção do crime nesta cidade, e principalmente do crime praticado por crianças! Estamos a precisar de uma liga para a proteção das crianças, como a imaginava o velho Júlio Vallés...

— Que houve demais? indagou Sertório de Azambuja, estirando-se no largo divan forrado de brocado cor de ouro velho.

— Vê o jornal. Na Saúde, um bandido de treze anos acaba de assassinar um garotinho de nove. É horrível!

O meu amigo teve um gesto displicente.

— Crime sem interesse.

A menos que se dê um caso de genialidade, um homem só pode cometer um belo crime, um assassinato digno, depois dos dezesseis anos. Uma criança está sempre sujeita aos desatinos da idade. Ora, o assassinato só se torna admirável quando o assassino fica impune e realiza integralmente a sua obra. Desde Caim nós temos na pele o gosto apavorador do assassinato. Não estejas a olhar para mim assim assustado. As mais frágeis criaturas procuram nos jornais a notícia das cenas de sangue. Não há homem que, durante um segundo ao menos, não pense em matar sem ser preso.

E o assassínio é de tal forma a inutilidade necessária ao prazer imaginativo da humanidade, que ninguém se abala ao ver um homem morto de morte natural, mas toda gente corre ao necrotério ou ao local do crime para admirar a cabeça degolada ou a prova inicial do crime. Dado o grau de civilização atual, civilização que tem em germe todas as decadências, o crime tende a aumentar, como aumentam os orçamentos das grandes potências, e com uma percentagem cada vez maior de impunidade.

— Esse caso da Saúde não tem importância nenhuma. É antes um exemplo comum da influência do bairro, desse bairro rubro, cuja história sombria passa através dos anos encharcada de sangue. Nunca foste ao bairro rubro? Queres ir lá agora? São 8 horas. Vamos?

Descemos. Estava uma noite ameaçadora. No céu escuro, carregado de nuvens, relâmpagos acendiam clarões fugazes. A atmosfera abafava. Uma agonia vaga pairava na luz dos combustores.

Sertório de Azambuja ia de chapéu mole, com um lenço de seda a guisa de gravata. Ao chegar ao Largo do Machado, chamou um carro, mandou tocar para o começo da rua da Imperatriz.

— Que te parece o nosso passeio? Estamos como Dorian Grey, partindo para o vício inconfessável.

Eu via vagamente a iluminação das casas, os grandes panos de sombra das ruas pouco iluminadas, a multidão, na escuridão às vezes, às vezes queimada na fulguração de uma luz intensa, os risos, os gritos, os barulhos de uma cidade que se atravessa. Na rua Marechal Floriano, Sertório pagou o cocheiro, dizendo:

— Saltaremos em movimento. Não vale dar na vista...

O carro continuou a rodar. O bairro rubro não é um distrito, uma freguesia: é uma reunião de ruas pertencentes a diversos distritos, mas que misteriosamente, para além das forças humanas, conseguiu criar a rede tenebrosa, o encadeamento lúgubre da miséria e do crime, insaciáveis. A rua da Imperatriz é um dos corredores de entrada.

O bairro onde o assassinato é natural abraça a rua da Saúde, com todos os becos, vielas e pequenos cais que dela partem, a rua da Harmonia, a do Propósito, a do Conselheiro Zacarias, que são paralelas à da Gamboa, a do Santo Cristo, a do Livramento e a atual rua do Acre. Naturalmente as ruas que as limitam ou que nelas terminam — S. Jorge, Conceição, Costa, Senador Pompeu, América, Vidal de Negreiros e praia do Saco — participam do estado de alma dominante.

Toda essa parte da cidade, uma das mais antigas, ainda cheia de recordações coloniais, tem, a cada passo, um traço de história lúgubre. A rua da Gamboa é escura, cheia de pó, com um cemitério entre a casaria; a da Harmonia já se chamou do Cemitério; a da Saúde, cheia de trapiches, irradiando ruelas e becos, trepando morro acima os seus tentáculos, é o caminho do desespero; a da Prainha, mesmo hoje aberta, com prédios novos, causa à noite uma impressão de susto.

A rua da Imperatriz, às oito e meia, com uma porção de casas comerciais velhas e tão juntas, tão trepadas na calçada, que parecem despejadas na rua, estava em plena febre. Os botequins reles, as barbearias sujas, as tascas imundas gorgolejavam gente, a essa gente era curiosa — trabalhadores em mangas de camisa, carroceiros, carregadores, fumando mata-ratos infectos, cuspinhando cachaça em altos berros, num clarão de imprevisto, e rapazes, mulatos, brancos, de grandes calças a balão, chapéu ao alto, a se arrastarem bamboleando o passo, ou em tabernas barulhentas. A nossa passagem era acompanhada com um olhar de ironia, e bastava parar dois segundos defronte de uma taberna, para que de dentro todos os olhos se cravassem em nós.

Eu sentia acentuar-se um mal-estar bizarro. Sertório ria.

— A vulgaridade da populaça! Há por aqui, entre esses marçanos fortes, gente boa. Há também ruim. Estão fatalmente destinados ou a apanhar ou a dar, desde crianças. É a vida. Alguns são perversos: provocam, matam. Vais ver. Nasceram aqui de pais trabalhadores.

Tínhamos chegado à rua Camerino, esquina da da Saúde. Há ali uma venda com um pequeno terraço de entrada. O prédio desfaz-se, mas dentro redemoinha uma turba estranha: negralhões às guinadas, inteiramente bêbados, adolescentes ricos de músculos, embarcadiços foguistas.

Fala-se uma língua babélica, com termos da África, expressões portuguesas, frases inglesas. Uns cantam, outros rouquejam insultos. Sertório aproxima-se de um grupo. Há um mulato de tamancos, que parece um harenque ensalmonado, no meio da roda. O mulato cuspinha: Go on... Go on... É brasileiro. Está aprendendo todas essas línguas estrangeiras com os práticos ingleses.

Há um venerável ancião, da Colônia do Cabo, tão alcoolizado que não consegue senão fazer um gesto de enjôo; há um copta, apanhado por um navio de carga no Mar Vermelho; há dois negrinhos retintos, com os dentes de uma alvura estranha. Todos incondicionalmente abominam o Rio: querem partir.

Dando guinadas com os copos a escorrer o líquido sujo do maduro, essa tropa parecia toda vacilar com a casa, com as luzes, com os caixeiros. Saí antes, meio tonto. Sertório livrava-se da matilha distribuindo níqueis.

Segui-o e, de repente, nós demos nos trechos silenciosos e lúgubres. Nas ruas, a escuridão era quase completa. Um transeunte ao longe anunciava-se pelo ruído dos passos.

De vez em quando uma rótula aberta e dentro uma sombra. Que lugares eram aqueles? O outro mundo! A outra cidade! A atmosfera era aquecida pelo cheiro penetrante e pesado dos grandes trapiches. Em alguns trechos a treva era total. Na passagem da estrada de ferro, a luz elétrica, muito fraca, espalhava como um sudário de angústias.

Foi então que começamos a encontrar em cada esquina, ou sentados nas soleiras das portas, ou em plena calçada, uns rapazes, alguns crescidos, outros pequenos. À nossa passagem calavam-se, riam. Mas nós íamos seguindo, cada vez mais curiosos.

Afinal, demos no largo da Harmonia, deserto e lamentável. À porta da igreja uma outra roda, maior que as outras, confabulava. Aproximamo-nos.

— Boa noite!

— Boa noite! respondeu um pretalhão, erguendo-se com os tamancos na mão.

Os outros ficaram hesitantes, desconfiados da amabilidade.

— Que fazem vocês aí?

— Nós? indagou um rapazola já de buço, gingando o corpo. Contamos histórias. Interessa-lhe muito?

— Histórias! Mas eu gosto de histórias. Quem as conta?

— Isso é costume cá do bairro. Há rapazes que sabem contar que até dá gosto. Aqui quem estava contando era o José, esse caturrita...

Era um pequeno, franzino, magro, com uma estranha luz nos olhos.

Talvez matasse amanhã, talvez roubasse! Estava ingenuamente contando histórias...

Sertório insistia, entretanto, para ouvi-lo. Ele não se fez de rogado. Tossiu, pôs as mãos nos joelhos...

— Era um dia, uma princesa, que tinha uma estrela de brilhantes na testa...

A roda caíra de novo num silêncio atento. A escuridão parecia aumentar, e involuntariamente, eu e o meu amigo sentimos n'alma a emoção inenarrável que a bondade do que julgamos mau sempre nos causa. (Do livro **Cinematógrafo**)

Um Oscar Wilde mulato e tupiniquim

João Paulo Alberto Coelho Barreto ou simplesmente Paulo Barreto, ou, ainda, João do Rio, nasceu na Cidade Maravilhosa em agosto de 1881. Seu pai, doutor Alfredo, era positivista ortodoxo e professor de astronomia no Colégio Pedro II. Sua mãe, d. Florência, segundo Gilberto Amado, que o conheceu de perto, era "moreнona, refolhuda, alegrona e vivedoura, de um egocentrismo de atriz". Entre a autoridade científica do primeiro e a exuberância da segunda oscilou sua personalidade: Paulo foi uma espécie de Oscar Wilde mulato e tupiniquim.

Aos 17 anos iniciou-se no jornalismo, apadrinhado por José do Patrocínio e Olavo Bilac. A partir de 1900 ganhou a admiração de todos ao publicar a série de reportagens depois reunidas no livro **As religiões no Rio.** *Nelas tratava de candomblés, magia negra, cultos kardecistas e outros assuntos tabus para a sociedade afrancesada da época.*

*Em 1910, aos 29 anos, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Trabalhou em vários jornais (***Gazeta de Notícias, O País***) e fundou* ***A Pátria,*** *onde se opôs ferozmente a Epitácio Pessoa. Morreu em 1921, dentro de um táxi, de colapso cardíaco.*

João do Rio criou a crônica carioca, espirituosa e sofisticada, sem entretanto abandonar a crítica social e a militância política. Abordou todos os temas, de rodas literárias e exposições de pintura aos chineses fumadores de ópio, prostitutas e sambistas. Admirador confesso de Oscar Wilde, foi um dos seus primeiros tradurores brasileiros. Muito pintosa, criou igualmente admiradores fiéis e inimigos implacáveis. Brito Broca o descreveu como "criatura particularmente encantadora, amigo dos escritores novos, favorecendo os jovens de talento". Já Antônio Torres o definiu assim: "Paulo Barreto foi um dos caráteres mais baixos, uma das larvas mais nojentas que eu tenho conhecido". Mesmo o romancista Lima Barreto, com quem tem inegáveis pontos de contato no inconformismo político e na observação dos costumes cariocas, o satirizou nas páginas de **Vida e Morte de J. M. Gonzaga de Sá.** *Para os interessados na sua vida trepidante, o Instituto Nacional do Livro acaba de editar sua biografia (***A Vida Vertiginosa de João do Rio***), escrita por Raimundo de Magalhães Júnior.*

Entre seus livros mais famosos, podemos citar ***As Religiões do Rio*** *(1904),* ***Vida Vertiginosa*** *(1907),* ***Cinematógrafo*** *(1909),* ***Alma Encantadora das Ruas*** *(1910),* ***O Momento Literário*** *(1919). Infelizmente, apenas o primeiro foi reeditado recentemente*

(João Carlos Rodrigues)

Nota da redação: *o livro de R. Magalhães Júnior tem um defeito básico: não dá ao homossexualismo de João do Rio a ênfase necessária para que seus leitores possam entender melhor o ódio e a controvérsia que, em sua época, se abateram sobre o escritor. Como explicar a fúria com que Antônio Torres (não confundir com o escritor contemporâneo) o chamava de "larva nojenta", de "criatura vil"?, senão através do ódio que seus ademanes causavam? Aceitar que aquela boneca pintosa fosse um escritor tão talentoso foi certamente demais para os machões da época. Ainda mais que João do Rio, além de homossexual, era mulato __ embora (escreveu Luís Martins) "preocupado em "embranquecer" através da ascensão a um "status" social que sempre ambicionou e acabou por conquistar". O mesmo Luís Martins disse, a propósito da preferência sexual de Paulo Barreto: "Na verdade, nós só sabemos do homossexualismo de João do Rio através de perfídias, "potins" e insinuações malévolas de seus inimigos. A meu ver, é pouco: depois de Gide, Julien Green, Cocteau e Jean Genet, deveríamos encarar o problema com maior desenvoltura, face a face." É isso aí: os que realmente curtem João do Rio devem vê-lo, inclusive, por este lado. É dessa forma que se conhecerá melhor a época em que ele viveu, tão preconceituosa e hipócrita quanto a nossa.*